



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-CFP
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

FABRÍCIO RIBEIRO DE SOUSA

**A METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA:
UM ESTUDO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS DE DELGADO
DE CARVALHO.**

CAJAZEIRAS-PB

DEZEMBRO-2018

FABRÍCIO RIBEIRO DE SOUSA

**A METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA:
UM ESTUDO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS DE DELGADO
DE CARVALHO.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras-PB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado (a) em Geografia.

Orientador: Prof.^(a) Dr.^(a) Cícera Cecília Esmeraldo Alves.

Linha de pesquisa: Ensino de Geografia.

**CAJAZEIRAS-PB
DEZEMBRO-2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S725m Sousa, Fabrício Ribeiro de.
A metodologia de ensino de geografia: um estudo sobre as contribuições metodológicas de Delgado de Carvalho / Fabrício Ribeiro de Sousa. - Cajazeiras, 2018.
53f.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2018.

1. Ensino de geografia. 2. Geografia- metodologia de ensino. 3. Delgado de Carvalho, metodologia de ensino. I. Alves, Cícera Cecília Esmeraldo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 910:37

FABRÍCIO RIBEIRO DE SOUSA

A METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA:
UM ESTUDO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS DE DELGADO
DE CARVALHO.

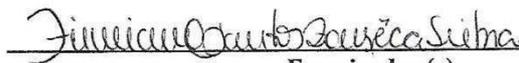
Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em Geografia da
Universidade Federal de Campina Grande,
campus Cajazeiras-PB, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciado (a) em Geografia.

Aprovado (a) em: 12/12/2018.

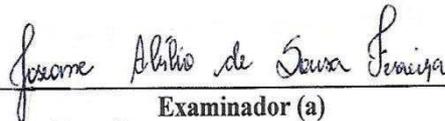
BANCA EXAMINADORA



Prof.^(a) Dr.^(a) Cícera Cecília Esmeraldo Alves (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Examinador (a)
Prof.^(a) Dr.^(a) Firmiana Santos Fonseca Siebra
Universidade Regional do Cariri (URCA)



Examinador (a)
Prof.^(a) Dr.^(a) Joseane Abílio de Sousa Ferreira
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Ao meu DEUS, fonte de força, amor e esperança, a
minha mãe Eneide Florinda e a meu pai Francisco
Ribeiro que me apoiaram e estiveram sempre
presentes comigo na luta por esta conquista, meus
irmãos e toda minha família,

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é algo que enche a alma de alegria e as lágrimas que regam os olhos são de felicidade, pois só Deus sabe os momentos que foram vividos nestes anos de curso, uma batalha árdua que chega ao final para abrir-se um novo ciclo em minha vida. Que Deus em sua infinita bondade derrame cada vez mais suas bênçãos e graças e possa proporcionar novas conquistas e realizar novos sonhos. Por isso, expresso aqui meus profundos agradecimentos:

Agradecer primeiramente ao meu DEUS, pelo dom da vida, que alimentou a minha fé e me deu forças para perseverar na luta por esta conquista tão sonhada e esperada por mim e pelos meus.

A minha mãe Eneide Sousa, a meu pai Francisco Ribeiro, meus irmãos e toda minha família, pela força, apoio, incentivo e amor, e, principalmente por nunca deixar de acreditar na minha capacidade.

A Danilo Monteiro (in memoriam) pelo companheirismo nos primeiros períodos da faculdade, pela amizade, orações, pelas palavras de fé e apoio. Por significar equilíbrio nos momentos de dificuldade e aflição. Sei que lá do céu de onde estás, vibras com esta conquista. Aos meus amigos que sempre me apoiaram e acreditaram em mim e no meu potencial. Aos amigos que a UFCG me deu, os meus colegas: Andreia; Idaiza; Leandro; Valmir; Oraldo; Cícero; Elimara; Damião e Juscélio.

A todos os professores pelos quais adquiri tanto conhecimento e aprendizagem ao longo desta jornada, em especial a minha orientadora a Profa Dra. Cícera Cecília que aprendi o sentido da vida docente e a refletir o que é ser professor.

A Profa Dra. Joseane Abílio que se apresentou como um anjo para mim na universidade e dela trago como herança grande amizade, por suas palavras de incentivo, companheirismo e acolhida.

Aos amigos do ônibus e ao motorista Chico de Mendonça, que acompanharam e dividiram comigo diariamente as lutas, o cansaço, as dificuldades, as alegrias e os diversos momentos vividos ao longo desta trajetória.

Ao pessoal da cantina da UFCG, em especial às pessoas de Mariana e Carlos, pela atenção, serviço e amizade.

Ao Centro de Formação de Professores-CFP da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG campus de Cajazeiras/PB, por proporcionar momentos singulares em minha vida, pela aprendizagem, amadurecimento intelectual e social, pela formação e todo o

acolhimento.

A Profa Maria Auciliadora (Cilia) que me apoiou sempre, e me proporcionou oportunidades de crescimento na vida profissional enquanto docente na carreira escolar, e todos da EEEFM Francisco de Sá Cavalcante.

Por fim, a todos que de forma direta ou indireta me ajudaram, me apoiaram e significaram força para que eu pudesse alcançar e realizar este grande sonho/projeto de vida.

Obrigado a todos!

“É o dom de orientar e de pensar geograficamente. Tornar a viagem e a excursão cheias de significações e ensinamentos é uma das mais preciosas funções da educação.”

Delgado de Carvalho.

SOUSA, Fabrício Ribeiro de. **A metodologia de ensino de Geografia: um estudo sobre as contribuições metodológicas de Delgado de Carvalho.** Monografia (Graduação). UFCG. CFP. UNAGEO. Curso de Licenciatura em Geografia. Campus II. Cajazeiras-PB. 2018.

RESUMO

Este trabalho contempla o tema metodologia de ensino de geografia e as contribuições metodológicas de Delgado de Carvalho. Tendo como base sua obra *Methodologia do Ensino Geographico* do ano de 1925. Trata-se de uma reflexão acerca da importância de se discutir o ensino de geografia e suas metodologias pautando-se nas propostas de Delgado de Carvalho que são tão influentes e presentes no cotidiano nas escolas do Brasil, que, ganhou força a partir da introdução da geografia moderna nas primeiras décadas do século XX. A escolha do tema surgiu da necessidade de se pensar a importância da metodologia de ensino, destacar o quanto Carvalho fora importante nessas questões e refletir sobre outras discussões que aportem os assuntos relacionados ao processo de ensino-aprendizagem, formação docente e espaços físicos escolares. Percebemos que o gostar e o aprender geografia não se limita apenas aos tipos de metodologias, mas, nas formas como são aplicadas, estas questões estão muitas vezes ligadas mais à formação docente, à estrutura da escola e a outros demais fatores que podem influir no processo de aprendizagem dos alunos. A introdução da geografia moderna no início do século XX significou importante período de transformações e renovações para a geografia escolar no Brasil, principalmente no que se refere à modernização do currículo de geografia, e como também, das metodologias de ensino. O caminho metodológico que caracteriza esta pesquisa parte de um levantamento bibliográfico em livros, artigos e principalmente na obra de Carvalho: *Methodologia do Ensino Geographico-1925*, que permitiu analisar, discutir, destacar e refletir a relevância da metodologia de ensino, que a partir de Delgado a geografia ganhou com uma série de métodos notáveis para o ensino desta disciplina. Contudo, nem sempre é preciso inovar ou apresentar metodologias inéditas em sala de aula para o êxito da aprendizagem em qualquer que seja a matéria escolar. O sucesso reside no conjunto de boa formação docente e bons recursos didáticos, que somados a metodologia aplicada e/ou adotada teremos uma aprendizagem mais efetiva.

Palavras-chave: Ensino de geografia. Metodologia. Delgado de Carvalho.

SOUSA, Fabrício Ribeiro de. **A metodologia de ensino de Geografia: um estudo sobre as contribuições metodológicas de Delgado de Carvalho.** Monografia (Graduação). UFCG. CFP. UNAGEO. Curso de Licenciatura em Geografia. Campus II. Cajazeiras-PB. 2018.

ABSTRACT

This work contemplates the theme methodology of geography teaching and the methodological contributions of Delgado de Carvalho. Based on his work *Methodologia do Ensino Geographico* of the year 1925. It is a reflection about the importance of discussing the teaching of geography and its methodologies based on the proposals of Delgado de Carvalho that are so influential and present in the daily life in Brazilian schools, which gained strength from the introduction of modern geography in the first decades of the twentieth century. The choice of topic arose from the need to think about the importance of teaching methodology, highlight how much Carvalho was important in these issues and reflect on other discussions that contribute to the issues related to the teaching-learning process, teacher training and school physical spaces. We note that the enjoyment and learning of geography is not only limited to the types of methodologies but, in the ways they are applied, these issues are often linked more to teacher training, school structure and other factors that may influence the process of student learning. The introduction of modern geography in the early twentieth century meant an important period of transformation and renewal for school geography in Brazil, especially in what concerns the modernization of the geography curriculum, as well as of teaching methodologies. The methodological path that characterizes this research starts from a bibliographical survey in books, articles and mainly in the work of Carvalho: *Methodologia do Ensino Geographico-1925*, that allowed to analyze, to discuss, to highlight and to reflect the relevance of the methodology of teaching, that from Delgado the geography won with a number of remarkable methods for teaching this discipline. However, it is not always necessary to innovate or present new methodologies in the classroom for the success of learning in whatever school matter. The success lies in the set of good teacher training and good didactic resources, which added to the methodology applied and / or adopted will have a more effective learning.

Keywords: Geography teaching. Methodology. Delgado de Carvalho.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	1
2. ENSINO DE GEOGRAFIA, CONHECIMENTO GEOGRÁFICO E METODOLOGIAS DE ENSINO	4
2.1 A importância do ensino de Geografia: uma breve perspectiva histórica.	4
2.2 O papel das metodologias no ensino da Geografia escolar.	6
2.3 Uma reflexão sobre o emprego da metodologia no ensino de Geografia.....	7
3. A GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL NAS DÉCADAS DE 20 E 30 DO SÉCULO XX.	14
3.1 A Educação no Brasil nas primeiras décadas do século XX: movimentos e reformas... 14	
3.2 A Geografia escolar diante do contexto de reformas educacionais no Brasil.....	18
3.3 Delgado de Carvalho e a introdução da Geografia escolar moderna no Brasil.	19
4. PROPOSTAS METODOLÓGICAS DE DELGADO DE CARVALHO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA	24
4.1 Aspectos metodológicos da obra Methodologia do Ensino Geographico: introdução aos estudos de Geographia Moderna, 1925.	24
4.2 Delgado de Carvalho e a orientação moderna para o ensino de Geografia.	30
4.3 Geografia Moderna e a concepção de Região Natural.....	31
4.4 Delgado de Carvalho e os processos didático-metodológicos para o ensino de Geografia.	32
4.5 Os testes como método de avaliação e a aplicação dos processos gráficos: uma visão geral.....	36
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6- REFERÊNCIAS	41

1- INTRODUÇÃO

A temática central aqui abordada se representa numa reflexão acerca do uso da metodologia de ensino de Geografia. Discutir a educação geográfica escolar é indispensável e sempre necessário, tanto para construção do conhecimento quanto para o seu enriquecimento e desenvolvimento. Faremos uma discussão no que se refere à aplicação da metodologia de ensino de geografia, tendo como base as ideias de Delgado de Carvalho em sua obra *Methodologia do Ensino Geographico* (1925).

Existe um discurso engessado dentro da própria Geografia de que o aprender ou o gostar desta disciplina escolar está associado ao uso de metodologias novas, alegando que é preciso inovar, no sentido de apresentar metodologias inéditas. São questões que merecem um olhar maior. Do ponto de vista conceitual, consideraremos metodologia do ensino como um agregado de estratégias didáticas, caracterizadas por seus métodos e técnicas para ensinar.

Dentro do campo da Geografia escolar, muito se tem discutido sobre as metodologias de ensino. Não é de hoje que se discutem estas questões metodológicas e/ou didáticas na Geografia. Acreditamos que a efetivação da aprendizagem em Geografia não se resume em apenas apresentar métodos e técnicas diferentes ou novas nas aulas, que sempre é preciso criar, mas, que é necessário repensar a didática docente e, sobretudo, o contexto escolar interno e externo.

Nesse sentido, destacamos que hoje a geografia se preocupa muito com a questão das novas metodologias, tal preocupação já fazia parte das discussões de Delgado de Carvalho, que muito antes em 1925 ele trazia uma boa discussão sobre metodologias, inclusive, muitas delas voltadas para as questões práticas e aulas de campo.

O ensino contextualizado e as aulas práticas, como exemplos, já eram presentes e defendidas por Delgado em sua época. Ele foi muito importante para o desenvolvimento do ensino da geografia escolar no Brasil, suas contribuições significaram um divisor de águas na Geografia brasileira, tais influências que permanecem até os dias atuais, mesmo depois de quase cem anos.

Enquanto profissionais da educação, vimos à necessidade de discutir e repensar o ensino de Geografia dentro de uma perspectiva metodológica e conseqüentemente de caráter didático. Consideramos o discurso de que sempre é preciso que o professor apresente métodos “inovadores”, seja obsoleto, e está engessado na geografia escolar, provando que existe de certa forma, uma falta de metodologias para o ensino de Geografia. Desde muito

antes, nas primeiras décadas do século XX o professor Delgado de Carvalho já apresentava inovações metodológicas em seus discursos e propostas, estas permanecendo até os dias atuais. Porém, permeia pela geografia a ideia de que é preciso sempre inovar. Destarte, discutir e refletir sobre como se dá o ensino de Geografia na atualidade é indispensável, e representa-se como soma à construção teórica da Geografia escolar.

A aprendizagem e o gosto pela Geografia nem sempre estão associados ao uso de determinadas metodologias de ensino pelo professor, sendo elas consideradas inovadoras ou tradicionais. Precisamos sempre repensar a aplicação das metodologias de ensino de Geografia, de modo em que, muito podem influenciar nos resultados da aprendizagem, a depender das formas como são trabalhadas. Nisto, falar de metodologia e ensino de Geografia nunca será demais.

A fala de que é preciso sempre inovar nas aulas, por meio de metodologias inéditas, é um discurso enrijado dentro da Geografia, que defende que não existem metodologias suficientes para garantir o sucesso na evolução do processo de ensino-aprendizagem geográfica. Ou seja, discutir metodologias de ensino dentro do campo da Geografia implica pensar em questões da didática que interferem diretamente na produção e compreensão dos saberes geográficos. Os objetivos principais deste trabalho se configuram por expressar uma reflexão acerca do uso da metodologia e do ensino de Geografia, numa reportagem histórica da Geografia escolar no Brasil nas primeiras décadas do século XX enfatizando as contribuições e influências das propostas metodológicas de Delgado de Carvalho nesta época.

O caminho metodológico que se fez necessário para a construção desta pesquisa se caracteriza por apresentar um levantamento bibliográfico com base na leitura de artigos e livros, e, principalmente na obra de Delgado de Carvalho (*Methodologia do Ensino Geographico*, 1925). Estas leituras nos permitiram compreender, analisar e refletir o uso das metodologias de ensino de Geografia e suas aplicações, como também, identificar e descrever as metodologias de ensino de Geografia postas por este renomado geógrafo.

Desta maneira, a presente monografia encontra-se estruturada em três capítulos:

O primeiro capítulo nomeado “Ensino de Geografia, conhecimento geográfico e metodologias de ensino” traz uma discussão de caráter reflexivo acerca da importância do ensino de geografia para a sociedade e também sobre o uso das metodologias de ensino desta disciplina, percebendo a importância de repensar suas aplicações.

No segundo capítulo “A Geografia escolar no Brasil nas décadas de 20 e 30 do século XX e a introdução da Geografia escolar moderna” faz-se uma reportagem histórica do ensino

de Geografia no Brasil nesta época, que foi justamente neste período que Delgado de Carvalho foi influente na introdução da Geografia moderna nas escolas brasileiras a partir do Colégio Pedro II, perpetuando suas metodologias de ensino.

Por fim, no terceiro e último capítulo: “Propostas metodológicas de Delgado de Carvalho para o ensino de Geografia” apresenta um estudo da obra de Delgado, *Methodologia do Ensino Geographico*, 1925, onde são colocadas as principais propostas metodológicas que foram identificadas no seu livro.

2- ENSINO DE GEOGRAFIA, CONHECIMENTO GEOGRÁFICO E METODOLOGIAS DE ENSINO.

Para compreendermos os processos que se desdenham no ensino de Geografia, devemos fazer uma abordagem acerca da metodologia de ensino com o intuito de perceber o quão é necessário repensarmos as práticas didáticas e metodológicas que se apresentam no processo ensino-aprendizagem.

2.1 A importância do ensino de Geografia: uma breve perspectiva histórica.

O ensino de Geografia tem suas raízes atreladas ao passado da Alemanha e França, num momento de guerras, conquistas e unificações. O conhecimento geográfico tornou-se base para o gerenciamento e as estratégias de tais conflitos. O conhecimento geográfico ganhou grande importância na Europa no início do século XIX. Neste contexto se buscava a unificação do território alemão. Para que tal feito fosse exitoso:

[...] o governo instituiu a formação básica para todos, com a exigência de aprenderem a língua nacional, a História e a Geografia na perspectiva do “amor à pátria.” Carregada de uma função patriótica, a Geografia foi também institucionalizada na França após 1870, quando ficou comprovado que a Alemanha ganhou a guerra franco-prussiana porque seus soldados sabiam mais sobre o território disputado. Testada na Alemanha e depois na França, a Geografia se apresentava, então, com um valor inigualável de prestadora de serviços patrióticos para o Estado-Nação e para os grupos e classes detentores do poder (MIRANDA, 2015, p. 15).

Diante de tais afirmações confirmamos a famosa frase de Yves Lacoste que afirma: “a Geografia serve em primeiro lugar para fazer a guerra”. Deste modo, a Geografia começou a ser lecionada nas escolas, pois representava conhecimento importante para as sociedades dominantes. De acordo com Miranda (2015) o ensino de Geografia neste momento da história pautava-se nas descrições principalmente de relevo e hidrografia para a formação de soldados, para que pudessem conhecer melhor os territórios.

No Brasil o ensino de Geografia acompanhava conjuntamente com o ensino religioso e catequético dos jesuítas no período da colonização, perdurando por muitos anos. Não muito distante dos ideais europeus, aqui no Brasil também se pregava uma geografia descritiva e

que despertasse sentimentos de amor à pátria, a partir de leituras das paisagens.

[...] Já no século XIX, primeiro sob o Império e depois sob a República, a educação brasileira continuava sendo voltada para a classe dominante: um seletivo grupo de "intelectuais, profissionais liberais, militares, funcionários públicos, pequenos comerciantes e artesãos". Foi de certa forma por causa desta classe dominante que a Geografia tornou-se uma matéria escolar específica quando, em 1831, passou a ser requisito nas provas para os Cursos Superiores de Direito. Ser Bacharel em Direito e futuro administrador de Cargos Públicos era um dos objetivos das principais famílias da época. (ROCHA, 2010, *apud* MIRANDA, 2015, p. 36).

Por fim, somente nas primeiras décadas do século XX é que a Geografia vai ganhar mais espaço dentro dos centros de ensino e escolas brasileiras. Diversas reformas educacionais irão contribuir para a constituição da Geografia como disciplina escolar no Brasil. Surgiram os primeiros cursos superiores no país, a criação das Universidades de São Paulo e do Rio de Janeiro e também da Associação Brasileira de Geógrafos, marcaram a institucionalização da geografia no Brasil que veremos com mais detalhes adiante no segundo capítulo desta monografia, onde abordaremos a consolidação da geografia escolar moderna no Brasil.

Contudo, a Geografia é muito importante para o conhecimento uma vez que nos possibilita a construção de uma leitura de mundo, onde somente a Geografia é capaz de nos oferecer. Devemos perceber que a geografia vai muito além da descrição dos fenômenos naturais e culturais, mas, atribuí-los de sentido e construir reflexão.

Para tanto, Silva (et. al., 2015, p.12) ressaltam que:

Ensinar geografia não se trata de uma tarefa fácil, pois a cada dia são lançadas novas práticas pedagógicas e vários desafios ao profissional, fazendo com que o mesmo nunca conclua suas pesquisas e práticas. O professor, em especial, da ciência geográfica, deve trabalhar a partir das concepções que os alunos têm diante sua própria realidade, refletindo sobre seus conhecimentos reais, e daí então poderá obter uma construção e reprodução de adequação de novas práticas para o ensino da geografia.

O ensino de Geografia deste modo se dá de forma constante, contínua. Deve-se a cada dia serem repensadas as práticas docentes e metodológicas no cotidiano da sala de aula. A percepção dos autores se assemelha bastante com a ideia de Delgado de Carvalho, que muito antes já defendia o ensino de geografia a partir da percepção do aluno e de suas vivências para assim construir o conhecimento geográfico. Estas ideias caracterizaram o momento de renovação da geografia no primeiro terço do século XX, quando temos diversas reformas na

educação no Brasil e a introdução efetiva da geografia escolar moderna, que adiante falaremos um pouco mais.

No que tange a importância do ensino de Geografia para a sociedade, Sônia Carneiro (1993, p. 122) destaca que:

O potencial de contribuição da geografia à educação escolar decorre da sua própria natureza, como ciência que trata dos elementos naturais e humanos em sua configuração espacial, em vista de uma explicitação relacional-interativa da construção do mundo pelo homem. Assim, a Geografia busca apreender os eventos humanos em sua dinâmica de espacialidade: onde ocorrem, como ocorrem e por que ocorrem, na concretude de lugar e mundo. Portanto, a leitura geográfica da realidade não se restringe à descrição localizada dos elementos naturais e efeitos da ação humana, mas analisa as inter-relações entre os elementos em diversas escalas segundo objetivos de um estudo (local, regional e inter ou supranacional), sob critérios de apreensão dos determinantes histórico-sociais das diversas organizações espaciais identificadas. Desse entendimento da Geografia, é a base para seu efetivo aproveitamento educacional.

Como podemos perceber a autora faz uma ressalva muito relevante, destacando que a Geografia vai muito além de descrições, mas que o conhecimento geográfico se constrói com reflexões e análises espaciais. Este discurso não é tão recente. No processo de renovação da Geografia, iniciado em 1920, Delgado de Carvalho já apresentava estas ideias para se pensar o ensino de Geografia. Sendo tratada como disciplina voltada para a formação cidadã e principalmente para a promoção dos saberes sociais, culturais e naturais como dinâmica conjunta. Nisto, a autora comunga das ideias da Geografia moderna.

2.2 O papel das metodologias no ensino da Geografia escolar.

Muito se fala em metodologia de ensino, um termo bastante usado no cotidiano das escolas, universidades e demais estabelecimentos de ensino, contudo, em todos os âmbitos da educação. Para tanto, é importante compreendermos o conceito do que venha a ser metodologia de ensino.

Nisto, Silva e Ploharski (2011, p.1649) afirmam que:

A metodologia de ensino – que envolve os métodos e as técnicas – é teórico-prática, ou seja, ela não pode ser pensada sem a prática, e não pode ser praticada sem ser pensada. De outro modo, a metodologia de ensino estrutura o que pode e precisa ser feito, assumindo, por conseguinte, uma dimensão orientadora e prescritiva quanto ao fazer pedagógico, bem como significa o processo que viabiliza a veiculação dos

conteúdos entre o professor e o aluno, quando então manifesta a sua dimensão prática (ARAÚJO, 2006 *apud* SILVA e PLOHARSKI 2011, p.1649)

Diante dessa afirmação, podemos entender a metodologia de ensino como o meio pelo qual o conteúdo é transmitido pelo professor e chega ao aluno. Ela compreende uma união indissociável da teoria e a prática, técnicas e métodos, devendo ser sempre pensada. A metodologia empregada em qualquer que seja a sua finalidade, deve haver um planejamento prévio para sua execução e assim seja alcançado o objetivo desejado na aprendizagem.

Rangel (2006, *apud* Silva e Alves, 2016, p. 03) reforça que:

As metodologias de ensino estão ligadas diretamente a dois elementos primordiais, o método, o qual pode ser compreendido como o caminho até se chegar aos objetivos, sintetizando na aprendizagem e a técnica que pode ser entendido como o percorrer do caminho, os procedimentos, a aplicação. Assim a metodologia é o direcionamento de processos de ensino para a aprendizagem, ou seja, é a organização, abordagem, é o reconstruir novos conhecimentos.

Como podemos observar na fala dos autores, método e técnica constituem elementos indissociáveis das metodologias de ensino. Estes elementos se representam como meios pelos quais o professor tem a sua disponibilidade para melhor desenvolver sua aula e conseguir alcançar seus objetivos.

Para que o processo ensino-aprendizagem seja proveitoso e produza os resultados esperados, é necessário que sejam adotados métodos e técnicas adequadas. O método pode ser conceituado como um roteiro geral para a atividade. Situa-se na linha do pensamento da orientação, indicando as grandes linhas de ação, sem se deter em operacionalizá-las. Orienta em termos gerais onde se quer chegar (BARBOSA, 2011, p.10).

Contudo, a aplicação da metodologia no ensino de Geografia irá depender muito do professor, de sua didática e também até mesmo dos fatores externos e internos que condicionam sua aplicação, como por exemplo, o contexto do qual os alunos estão inseridos. O professor nesta situação figura-se como instrumento facilitador e atuante no processo de ensino e aprendizagem.

2.3 Uma reflexão sobre o emprego da metodologia no ensino de Geografia

A reflexão aqui abordada se caracteriza por apresentar alguns dos problemas que estão presentes na vida de muitos professores, sobretudo de Geografia, que estão relacionados acerca da utilização de variadas metodologias que possam contribuir de forma positiva a construção do conhecimento geográfico. Este último, muito importante para a vida do aluno, justamente porque consideramos que ele proporciona o desenvolvimento do senso crítico, preparando-os para o ser social, contudo, para exercício da cidadania.

Frisamos que a Geografia tem seu lugar na sociedade, a partir da compreensão do espaço geográfico, e do entendimento das relações sociais que se estabelecem nele. Esta construção de pensamento leva-nos a atentar as temáticas sobre como se dá o uso da metodologia no ensino da ciência geográfica e quais são suas influências no processo de ensino e aprendizagem.

Muitos são os questionamentos que nos levam a refletir o emprego da metodologia no ensino de Geografia. A construção de práticas docentes que contribuam para o melhor desenvolvimento da Geografia escolar torna-se indispensável, num momento em que consideramos que o uso de determinados métodos possam ajudar da melhor forma possível o processo de ensinar e aprender a disciplina.

Nesta perspectiva, Mendes (2015, p. 34) enfatiza que:

O ensino de qualquer disciplina escolar está diretamente associado à utilização de metodologias, ou seja, de caminhos que ajudem os estudantes a adquirir experiências e conhecimentos acerca do mundo em que vivem. Entende-se por metodologia de ensino o campo que se ocupa da organização, controle e aplicação de diferentes métodos no processo ensino-aprendizagem, que levem os discentes a uma maior qualidade e motivação da aprendizagem. Sendo assim, cada área do conhecimento tem a sua metodologia específica.

Como cada área do conhecimento apresenta uma metodologia diferenciada a ser trabalhada, com a Geografia não seria diferente. As metodologias de ensino apanham várias formas de tratar os conhecimentos com um foco de ação específico, seja a caráter conteudista/tradicional, sócioconstrutivista, sóciointeracionista, etc. Podemos perceber que no tocante a ciência geográfica a metodologia mais utilizada é a tradicional, pautada na transferência de conteúdos com aulas expositivas, realizadas pelo professor, (MENDES, 2015).

Por muitas vezes a utilização de metodologias repetidas de forma tradicional podem acarretar num desinteresse dos alunos pela disciplina, como exemplo temos, o caso a Geografia. Seguindo esta lógica podemos afirmar que para ensinar não existe regra pronta,

tudo depende da maneira como se é trabalhado os conteúdos. A formação do professor muito influencia em suas práticas, como também no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

A esse respeito, Campos (2010, p 10) reforça que:

[...] as metodologias não são meras formas neutras nas quais se depositam conteúdos. Os conteúdos em suas especificidades pedem coerência nas suas formas de produção – transmissão - produção. As metodologias são evidentemente formuladas mediante concepção de homem, de mundo e de educação e, portanto, veiculam alguma base teórica.

Seguindo esta linha de pensamento consideramos que a metodologia não pode ser considerada como meio que leva ao conhecimento, mas este último que instrumentaliza o professor no desenvolvimento de seu dia a dia. O professor necessita estar em constante sintonia e comprometimento com seu espaço de vivência e de produção/reprodução social, para o bom êxito de suas atividades, (CAMPOS, 2010).

Quando falamos em metodologia de ensino em Geografia precisamos pontuar/destacar a que Geografia nós estamos nos referindo. No caso da Geografia tradicional, logo vamos evidenciar aquela ciência trabalhada com um grande aparato de livros didáticos fundada na descrição dos fenômenos sociais e naturais. Devemos desta forma, analisar a linha epistemológica e metodológica da qual está encaixada a Geografia, no intuito de buscar respostas quanto a que Geografia está sendo ensinada e como se dá o processo de sua aprendizagem, (CAMPOS, 2010).

Dentro destes questionamentos devemos entender quais são as reais motivações de ensinar e aprender Geografia em sua essência. O porquê de ensinar esta ciência? Na perspectiva metodológica é necessário compreender a melhor maneira de construir conhecimento geográfico, proporcionando ao discente a utilização do mesmo para sua vida cotidiana, do contrário, nada valerá. Esses conhecimentos devem contribuir de alguma forma na formação social e cidadã dos alunos.

Com isso, Tortoreli e Paixão (2012, p. 40), destacam que: “No ensino de Geografia é preciso refletir e utilizar metodologias que privilegiem a inserção do aluno no contexto social por meio de diálogos, com a finalidade de integrar esse aluno à realidade existente, na qual nossos educandos façam parte”.

O uso de diversas metodologias contribui para o bom desenvolvimento da aprendizagem em Geografia. Elas se representam numa variedade considerável de

linguagens e/ou recursos que dinamizam, facilitam e atraem os discentes ao conhecimento geográfico, saindo do âmbito metodológico do ensino da Geografia seguindo o método tradicional pautado apenas no uso do livro didático e na descrição dos fenômenos sociais e naturais.

A utilização dessas diversas linguagens, para abordar o conteúdo geográfico de forma mais atrativa contribui na compreensão da sociedade em sua organização social no espaço. O ensino de Geografia deve promover ao aluno o desejo de participar ativamente na sociedade, com o objetivo de integrar como agente da transformação social, (ALVES, 2016). E este autor continua a abordar essa discussão, enfatizando que:

As diferentes linguagens proporcionam ao educador trabalhar os conteúdos articulados a uma técnica que facilitará a compreensão do aluno, sendo indispensável a formação do professor-educador para o uso desses recursos (linguagens de mapas, imagens e músicas). A ciência geográfica disponibiliza através de seu objeto de estudo, o espaço, à articulação com métodos didáticos que insira o aluno nesse processo de ensino-aprendizagem (ALVES, 2016, p. 29).

Como podemos destacar, a utilização de metodologias diversas podem influenciar no processo de ensino e aprendizagem tanto de forma positiva quanto negativa, a depender da forma como elas são trabalhadas e/ou aplicadas. Entender essas questões nos proporciona a reflexão de que a metodologia usada em uma aula muito é importante para o seu desenvolvimento.

Devemos relevar neste momento que o planejamento consiste numa ferramenta fundamental para o sucesso da aplicação de determinada metodologia e assim obter bons resultados na aprendizagem, sobretudo na Geografia. O ato de planejar as atividades pedagógicas que serão trabalhadas proporcionará ao professor maior segurança no desenrolar de sua prática metodológica e por ventura evitará a improvisação.

Pois segundo Menegolla&Sant'anna, (2001, p.40) *apud* Castro. T. A. (2008) o planejamento: “É um instrumento direcional de todo o processo educacional, pois estabelece e determina as grandes urgências, indica as prioridades básicas, ordena e determina todos os recursos e meios necessários para a consecução de grandes finalidades, metas e objetivos da educação”.

Desta forma, pode-se entender que realizar o planejamento permite-nos direcionar a transformação da realidade da forma como queremos. A organização das ações planejadas nos proporciona intervir nas condições sociais atuais, em outras palavras com o planejamento bem-sucedido podemos mudar nossa vida. Nesta reflexão, percebemos que

metodologia e planejamento estão sempre juntos, diríamos quê, para que a metodologia seja bem aplicada é necessário um bom planejamento prévio da ação.

A utilização de variados recursos didáticos contribuem para o processo de ensino e aprendizagem. Muitas são as ferramentas metodológicas e didáticas que nos promovem dinamizar as aulas de Geografia, representando-se por muitos métodos e metodologias aplicáveis ao ensino da ciência geográfica. Com isso, o sucesso da aula de Geografia estará na aprendizagem.

Como bem destaca Ramos (2012, p. 14):

Para que haja êxito no ensino da Geografia e os objetivos sejam atingidos os professores do ensino de Geografia devem estar atentos a desenvolver habilidades de percepção do espaço, com metodologias que possibilitem uma visão dialética, que propiciem novas situações e atividades no processo educacional, que permitam a realização de atividades de geografia como uma ciência, que investiguem e pesquisem o espaço geográfico. Neste processo pedagógico há a necessidade de investigação e qualificação dos profissionais em educação.

Não basta a utilização de metodologias inovadoras ou até mesmo tradicionais, se o professor não estiver qualificado na área, ou seja, preparado/apto para lecionar e construir conhecimento com seus alunos. É necessário que os professores estejam seguros e tenham formação continuada para que o trabalho seja bem desenvolvido e desta forma, seja exitosa a aprendizagem em Geografia.

A qualidade de ensino depende de como as atividades pedagógicas são trabalhadas. Nesta perspectiva, “a utilização de recursos adequados que possam envolver o discente nas atividades, levando-o a capacidade de pensar abstratamente e formular seus próprios conceitos” (RAMOS, 2012, p. 15).

A Geografia deve proporcionar ao educando a sua contextualização, fazendo situar-se na sociedade e refletir sobre sua realidade. Sempre refletindo o seu futuro, centrado na responsabilidade, e também pensar seu o presente como motivo de mudança para melhor.

Com isso, o professor deve com base em suas experiências pedagógicas no processo de ensinar aos educandos, promover o desenvolvimento cognitivo, ao passo que ele se utiliza de forma adequada metodologias e recursos, tais como: aulas expositivas, diálogo, produção oral e escrita. Na era da informação e no mundo globalizado encontramos um aparato significativo de recursos tecnológicos que podem contribuir bastante no processo de ensino-aprendizagem em Geografia. Em outras palavras, pode-se afirmar que: “[...] os recursos tecnológicos representam instrumentos de inovação na associação entre ensino e

aprendizagem, estes são utilizados nas atividades pedagógicas conduzidas pelo professor em sala de aula, envolvendo o educando no processo de ensino” (RAMOS, 2012, p. 15).

O processo de ensino e aprendizagem requer muitas vezes que os professores utilizem métodos e/ou recursos que signifique ao aluno uma inovação, algo que realmente possa atraí-lo no desejo de aprender, sobretudo a Geografia que se apresenta como uma disciplina de grande diversidade e campos de abordagens diferenciadas, necessitando certa dinamização do uso de metodologias diversas, tais como: aulas em campo, filmes, construção de maquetes entre outras, para que a aula em si não se torne monótona e repulsiva ao anseio de aprender do aluno, ou até mesmo sua desmotivação para com os conteúdos.

Diante desta reflexão, Ramos (2012, p. 16), afirma que:

O professor ao desenvolver currículos e projetos pedagógicos para o ensino de Geografia deve estar atento à nova geração de alunos, pois deve lançar mão de todos os recursos disponíveis sempre buscando as novidades, para que o ensino de Geografia contribua para a formação de cidadãos críticos e participativos. Com o desenvolvimento das tecnologias de informação possibilita a compreensão do desenvolvimento da sociedade.

Contudo, destacamos que o uso de diversas metodologias no ensino de Geografia pode de forma muito significativa contribuir para a construção do conhecimento geográfico em sala de aula. O emprego de variados recursos didáticos tais como: mapas, maquetes, filmes, documentários, são capazes de dinamizar o processo de ensino e aprendizagem na disciplina.

Devemos pontuar que para o uso desses variados recursos, ou até mesmo os tradicionais, torna-se necessário fazer o uso do planejamento, neste último o professor irá programar suas ações dentro de uma lógica para que o desenvolvimento da aula seja exitoso, acarretando na aprendizagem efetiva de qualidade, proporcionando ao mesmo tempo ao docente segurança em suas ações, para que não seja necessária a improvisação.

A partir daí, construiremos conhecimento dentro da perspectiva de emancipação do aluno na sociedade, despertando o desejo de ser um integrante social atuante nas decisões populares, dentro do exercício da cidadania. Os conhecimentos geográficos devem dessa forma, ajudar na construção de uma sociedade crítica e capaz de reconhecer seus deveres, como também os seus direitos. Sem isso, no mais, a transmissão de conteúdos nada valerá. Os conhecimentos geográficos têm que ser atribuídos de valor e/ou sentido para a efetivação do conhecimento na realidade da sociedade.

Nosso olhar tem sido voltado para as questões metodológicas, que muito nos dizem

sobre o gosto e a vontade de aprender a Geografia, porém nem tão pouco se encerram ou residem nas questões metodológicas. Sem a pretensão de responder algum questionamento, algumas perguntas têm instigado e despertado em nós o desejo de adentrar as discussões e os problemas que afetam o campo educacional e, por conseguinte o ensino da Geografia.

O melhoramento da estrutura de nossas escolas públicas seria um fator importante para o desenvolvimento de uma educação efetiva de qualidade? Poderíamos culpar apenas as metodologias utilizadas em sala de aula como responsáveis pela atração ou repulsão dos alunos à sala de aula ou ao desejo de aprender? Contudo, são questionamentos como esses que nos levam a refletir como se dá o emprego da metodologia no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo da Geografia.

3. A GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL NAS DÉCADAS DE 20 E 30 DO SÉCULO XX.

Neste capítulo apresentaremos de uma forma geral e objetiva como se dava o ensino de geografia nas primeiras décadas do século XX, momento este que significou a renovação do ensino de Geografia no Brasil a partir de reformas educacionais e veremos a participação efetiva de Delgado de Carvalho na introdução da geografia moderna nas escolas brasileiras.

3.1 A Educação no Brasil nas primeiras décadas do século XX: movimentos e reformas.

Na segunda década do século XX diversas transformações sociais, econômicas e políticas atingiam o mundo e o Brasil, estas contribuíram também em modificações na educação escolar. Estas mudanças estavam ligadas a atual situação na qual o país se encontrava. Este período da história do Brasil se caracterizava pela queda das oligarquias e o crescimento da industrialização por cima do fim de uma economia baseada no modelo agrário-exportador. Há-se ascensão da burguesia industrial e o aumento da urbanização.

Dito isto, Rocha (2012, p. 02) afirma que:

A intensificação do processo de urbanização, decorrente do modelo econômico emergente, foi gerando novas e crescentes demandas de mão-de-obra especializada para ocupar as funções que os setores secundário e terciário estavam a exigir. A demanda social de educação amplia-se rapidamente e o sistema escolar se vê pressionado a expandir-se, à medida que um contingente cada vez maior de pessoas dos estratos médios e mesmo das camadas populares buscavam a escola a fim de ampliarem suas possibilidades de ascensão social.

O contexto histórico no qual o Brasil se encontrava dava a necessidade de repensar a educação. Esta, para que fosse voltada para atender à demanda industrial em forma de mão de obra qualificada. Para o mercado de trabalho naquele momento histórico surgiram mudanças nos hábitos sociais como também na cultura, a educação começaria a fazer parte do cotidiano das pessoas. Diante de diversas transformações ocasionadas pela implantação do modelo urbano-industrial, movimentos políticos e pedagógicos viram a necessidade de repensar a educação. Assim:

Estes atores sociais, contemporâneos do novo modelo urbano-industrial que estava sendo implantado no país, desempenharam o papel de formuladores, veículos e disseminadores de novos padrões culturais. Em decorrência, a discussão acerca da educação começou a fazer parte da “ordem do dia” e, em meio ao conservadorismo

reinante, emergiu um inusitado entusiasmo pela escolarização, bem como um certo otimismo pedagógico (ROCHA, 2012, p. 02).

O entusiasmo pela educação e/ou otimismo pedagógico se baseava num sentimento de incentivo pela escolarização que na época se representava pelo valor que se dava a instrumentação. Vão se realizar várias discussões sobre como pensar em uma educação que fosse acessível à população, como também surgiam as necessidades de repensar a escola em seus currículos, funções e metodologias (ROCHA, 2012).

Estes movimentos ganharam proporções a fim de chegar a novas reformulações legislativas que se expandiram em nível nacional. Estas reformas culturais e educacionais foram propostas por muitos intelectuais, tais como: Antônio Sampaio Dória; Lourenço Filho; Anísio Teixeira; Carneiro Leão e entre outros mais que lideraram movimentos de reformas da educação no Brasil.

Nesta época, Teixeira, Lourenço Filho, Azevedo entre outros reformistas da educação, constituíram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova no ano de 1932 que representou um fato de mudança na história da educação brasileira, se representada como movimento de reestruturação e renovação da educação, iniciando-se a partir dos anos 1920 e se efetivando a partir de 1930 (JESUS, CORRÊA e PALÁCIOS, 2015). Entretanto,

[...] esse movimento colaborou para que fosse garantida a criação de um ensino primário público, gratuito e obrigatório. Assim o Manifesto visava mais melhorias para a educação, de modo que defendia a ideia de uma escola singular que se fundamentava em uma educação comum a toda população brasileira, com igualdade e oportunidade, visto que seus idealizadores eram de classe social elevada e acreditavam na educação como princípio para o desenvolvimento nacional. (INFANTE [s/d] *apud* JESUS, CORRÊA e PALÁCIOS, 2015, p. 4721/4722).

A proposta de educação de Anísio Teixeira se baseava na chamada Escola Nova ou Escolavinismo, provenientes da Europa e dos Estados Unidos no fim do século XIX. Na Europa a sociedade industrializada já se preocupava com a individualidade do aluno no século anterior. (RIBEIRO, 1993).

[...] pela primeira vez, educadores de profissão que denunciam o analfabetismo e outros problemas da educação. O escolanovismo vai buscar na Europa suas origens, onde já no século anterior uma sociedade industrializada se preocupava com a individualidade do aluno. No Brasil, os pioneiros da Escola Nova defendem o ensino leigo, universal, gratuito e obrigatório, a reorganização do sistema escolar sem o questionamento do capitalismo dependente, enfatizam a importância do Estado na educação e desta na reconstrução nacional. Como solução para os problemas do país, apelam para o humanismo científico-tecnológico, ou seja, convivência harmoniosa do homem com a máquina, criando-se condições para que os indivíduos

convivam com a tecnologia e a ciência, fazendo-os entender que tudo isto está a serviço e disponibilidade do homem (RIBEIRO, 1993, n. p.).

Um dos sentidos da Nova Escola no movimento de renovação educacional propostas por Anísio Teixeira se representava em se pensar numa educação que rompesse com o método tradicional. Neste sentido, se pensava numa educação que pudesse atender aos interesses e a realidade do aluno. (TENÓRIO; SCHELBAUER, [s/d] *apud* JESUS, CORRÊA e PALÁCIOS, 2015).

O movimento dos pioneiros visava o desenvolvimento de uma educação que construísse conhecimento técnico e científico com o intuito de promover sentido à vida do indivíduo e pudesse acompanhar o desenvolvimento da tecnologia que se expandia pelo mundo à época. Para,

Os escolanovistas criticavam a educação tradicional porque ensina a copiar e não a pensar, pois se achava centrada no mestre e na transmissão de conhecimento, tendo “substituído à alegria de viver pela inquietude, o regozijo pela gravidade, o movimento espontâneo pela imobilidade, as risadas pelo silêncio” (GADOTTI, 1996: p. 143 *apud* LUSTOSA, [s/d], p. 04).

Na Nova Escola o professor se apresenta como facilitador da aprendizagem, que tem a tarefa de despertar interesse e instigar a curiosidade do aluno, fugindo do modelo conteudista da escola tradicional. Há uma preocupação maior com a aprendizagem e com questões psicológicas do aluno (LUSTOSA, [s/d]).

A educação nova privilegiava as crianças, colocando-a como indivíduo diferenciado dos adultos, que até então eram tratadas como pequenos adultos. O professor é o facilitador da aprendizagem, por isso, deveria adaptar o currículo e desenvolver o cognitivo da criança, promovendo sentido, utilizando variadas metodologias que viessem a desenvolver a socialização do educando no processo ensino-aprendizagem, tornando-o sujeito ativo (JESUS, CORRÊA e PALÁCIOS, 2015).

Jesus, Corrêa e Palácios (2015, p. 4724) reforçam que:

O professor, ao adequar o currículo em função de seus alunos, faz com o processo de ensino e aprendizagem vise o amadurecimento de seu alunado e, para tal, deve-se aproveitar a experiência do outro, para se enriquecer a sua. Nesse sentido, o aluno deve tomar uma atitude de busca e disposição de sempre aprender, possuir um espírito aberto a novas possibilidades, novas observações e novos entendimentos.

Os pensadores da Escola Nova pregavam que o acesso à educação deveria ser público, gratuito e sem interferência religiosa. Isto causou descontentamento por parte da Igreja

Católica que atacou o manifesto defendendo que o mesmo dava abertura ao comunismo. Os católicos tinham seus fundamentos pedagógicos centrados na ideia de uma educação religiosa, cristã, onde a criança é o objeto principal da educação, sendo esta diferenciada e separado por sexo (RIBEIRO, 1993).

Em 1930 com a criação do Ministério da Educação e Saúde, sendo ministro Francisco Campos, o ensino superior passa por uma organização e logo depois o ensino secundário é reformado. Porém estas reformas não foram tão expressivas (RIBEIRO, 1993). Assim,

Nas idéias político-educacionais de Francisco Campos estava a crença de que a reforma da sociedade se concretizaria mediante a reforma da escola, da formação do cidadão e da produção e modernização das elites. Em seu ideário estava claro que a formação das elites era a prioridade, bem como defendia que essa mesma elite tinha as condições para decidir quais deveriam ser os rumos da educação para os demais (ZOTTI, 2006, p. 03).

Francisco Campos conseguiu levar a reforma aos vários níveis de ensino da época e colocou para todo o território nacional. Foi através dele que se instituiu o sistema universitário brasileiro por meio do Estatuto das Universidades e organização da Universidade do Rio de Janeiro. A reforma do ensino secundário se dá no sentido de ser uma etapa introdutória para o ensino superior, o ensino técnico profissionalizante passando a ser o ensino comercial (ZOTTI, 2006).

Contudo, Ribeiro (1993, on-line) ressalta que:

De 1931 a 1937 - período denominado de "Conflito de Idéias" -vamos ter de um lado os católicos, de outro os pioneiros, ambos defendendo os princípios fundamentais que deveriam orientar a educação no país. Congressos, seminários e conferências foram realizados. Para uma análise mais detalhada da questão do movimento escola-novista e da ideologia existente por trás dos pensamentos e propostas dos pioneiros e dos católicos [...].

Este conflito de ideias foi gerado por diversos embates e discordância entre os escolanovistas e tradicionalistas da educação. As reivindicações educacionais em partes vão confundir-se com interesses políticos. Getúlio Vargas aproveita este momento de conflito para se fortificar no poder, tentando atender os dois grupos, dos movimentos da Escola Nova e Tradicionalistas.

Diante deste período que marcou diversas mudanças na educação brasileira, destacamos que a Geografia escolar da época, sofreu modificações dentro deste contexto em sua organização curricular, metodológica e didática.

3.2 A Geografia escolar diante do contexto de reformas educacionais no Brasil.

As reformas educacionais que se deram neste momento da história do Brasil, significaram uma situação de conflitos de ideias que divergiam entre os católicos defensores do ensino religioso e moral com o pensamento dos pioneiros que defendiam a educação liberal e democrática. Foi uma fase de intensos debates e discussões (PIZZATO, 2001).

A partir da década de 30 do século XX vão se acentuar interesses nas políticas nacionais de educação. Getúlio Vargas tem seu auge no poder. A Geografia desde 1832 já fazia parte do plano e organização de estudos dos jesuítas, tomando assim caráter clássico “seja de tradição descritiva ou de tradição matemática, fruto da compreensão de que há conexão entre os conhecimentos gerais sobre a terra com a astronomia, a cosmografia, a cartografia bem como a geometria. Era um modelo de geografia tipicamente europeu” (PIZZATO, 2001, p. 107).

A Geografia escolar brasileira até os anos 1930 se caracterizava por apresentar um currículo estabelecia que a disciplina oferecesse informações gerais e muitas vezes mais próximas da Geografia francesa do que até mesmo do Brasil (PIZZATO, 2001).

Pizzato (2001, p. 107) reforça que:

É importante salientar a importância que teve o Colégio D. Pedro II , no Rio de Janeiro, desde sua criação, como colégio modelo de onde se originavam as estruturas e os programas curriculares para todo Brasil. Conforme a centralização ou descentralização que caracterizava a legislação vigente, o Colégio D. Pedro II reassumia sua posição de escola modelo uniformizando o currículo para todos estabelecimentos oficiais de ensino secundário existentes no país e consequentemente seu regimento interno, seus conteúdos programáticos tornavam-se obrigatórios nacionalmente. O entusiasmo pela escolarização surgido nos anos 20 em função do aumento de demanda social, quando o sistema vê se pressionado a expandir-se, aliada a um estado de transformações sócio/econômicas no novo modelo urbano industrial que estava sendo implantado no país, desencadeou discussões acerca da necessidade de se repensar a escola quanto a seu papel, currículo e metodologias.

Para a Geografia escolar brasileira esta época significou um momento singular para a disciplina. Aconteceram vários embates entre professores conservadores e professores que apoiavam a renovação do ensino. Estes primeiros defensores de uma Geografia clássica, descritiva e mnemônica, e, estes últimos buscavam a renovação do ensino de Geografia em suas metodologias e conteúdos (ROCHA, 2012).

A Nova Reforma da educação brasileira trouxe a ampliação do ensino secundário para seis anos e a instituição do ensino seriado de forma definitiva “que assumia a partir daquele

momento um caráter universal na escolarização média brasileira” (ROCHA, 2012, p. 03).

Um dos grandes nomes que irão introduzir uma Geografia escolar de cunho moderno será Delgado de Carvalho. Ele criticava a metodologia clássica que se era trabalhada nas escolas, defendia maior ênfase a geografia humana. Foi responsável por grandes contribuições metodológicas para o ensino de Geografia.

Uma grande ascensão da Geografia moderna vai surgir neste momento nas escolas, a partir destas reformas na educação, o ensino patriota vai permear a organização do currículo de Geografia e conseqüentemente na construção de novas metodologias que viessem a atender os objetivos da Nova Escola. Nisto, com o avanço destes pensamentos, a Geografia moderna vai ganhando espaço nas escolas brasileiras.

3.3 Delgado de Carvalho e a introdução da Geografia escolar moderna no Brasil.

A Geografia Moderna tem suas origens fundadas em ideias iluministas e do romantismo alemão. Diante das transformações decorridas no processo de unificação do território alemão, tem-se então o surgimento e a consolidação da Geografia Moderna calcada nos pensamentos dos alemães, Alexander Van Humbolt e Karl Ritter. Eles foram responsáveis pela sistematização da geografia, dando ares de institucionalização da geografia como ciência. Tal contribuição levou a os considerarmos pais da Geografia Moderna. Nisto, “a Geografia Moderna nasceu em lar prussiano e cresceu no projeto alemão de Estado” (GONÇALVES, 2012, p.194)

Diante destas colocações, Simões (2003, p. 94) reforça que:

As bases essenciais da geografia científica são determinadas com a geografia clássica alemã. Uma geografia, que ao ser recebida na comunidade das ciências naturais, desdobraria sua influência sobre as sociedades da época. Seria o padrão, ou modelo inicial da geografia, isto é, uma reunião de fundamentos especulativos e procedimentos que proporcionariam não apenas as mais relevantes matérias e pontos para a discussão geográfica, mas, inclusive, a maioria das soluções a esses pontos sujeitos à discussão.

O Professor Carlos Miguel Delgado de Carvalho teve grande influência no processo de consolidação do projeto de instituir a geografia moderna nas escolas brasileiras. Nesse sentido,

[...] Carvalho nasceu e realizou seus estudos integralmente na Europa. Ferraz (1995) sustenta a idéia de que a formação deste autor em renomados estabelecimentos de ensino naquele continente, permitiu-lhe contato com ideais liberais e democráticos tão presentes entre os intelectuais europeus daquela época. Estas influências o fizeram defensor da crença no espírito do progresso e da liberdade do homem, elementos que vão perpassar toda a sua produção teórica. (ROCHA, 2012, p. 05).

A educação democrática e liberal proposta por Delgado de Carvalho é caracterizada por objetivar a autonomia do educando para o exercício da cidadania. O autor ficou conhecido por ter introduzido a geografia moderna no Brasil a partir dos anos 1930. Marcando a transição da geografia clássica que representava a geografia tradicional para a moderna que vai durar até aproximadamente os anos 1970.

A geografia escolar moderna brasileira utilizar-se-á do discurso de nacionalismo preconizando os conceitos de território e região, enfatizando a região natural nos materiais didáticos. Neste sentido, o estudo geográfico estava pautado no patriotismo (CABRAL; DINIZ e STRAFORINE, 2017).

Anterior a estes acontecimentos, a institucionalização da geografia como disciplina se deu na primeira metade do século XIX atendendo às necessidades da escola na época. O ensino secundário passa a ser efetivo e obrigatório nas escolas públicas e privadas de todo Brasil, tendo como padrão o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro (ALBUQUERQUE, 2011).

Contudo, Rocha (2012, p. 04), afirma que:

O período, para a geografia escolar brasileira, é de extrema importância. Nele ocorreria de forma mais acentuada a penetração da geografia moderna nas salas de aulas, num claro processo de transformação paradigmática sofrida por esta disciplina. Não obstante a grande influência exercida ainda na maioria de nossas escolas pela versão empobrecida da geografia clássica, já tínhamos a presença de uma geografia escolar cuja orientação estava direcionada pela moderna concepção de geografia, que seria finalmente oficializada nos currículos escolares brasileiros. Nesse processo teve papel destacado o professor Delgado de Carvalho, lente do Colégio Pedro II e mentor principal do novo currículo prescrito para a disciplina, aprovado pela congregação da instituição considerada como estabelecimento de ensino padrão pelo governo brasileiro.

Delgado de Carvalho será um dos principais precursores do novo currículo da Geografia escolar a partir do Colégio Pedro II, do qual era professor e teve seus modelos pedagógicos e metodológicos institucionalizados em todo Brasil. “Delgado de Carvalho demonstra em seus escritos um posicionamento nacionalista somado à claras filiações ao movimento escolanovista [...]” (CABRAL; DINIZ e STRAFORINE, 2017, p. 06).

“A orientação moderna da Geografia escolar articula um movimento de renovação da disciplina em termos de mudanças perceptíveis nos textos curriculares. Esse processo não se

realiza, contudo, valendo-se de um caráter discursivo homogêneo” (CABRAL; DINIZ e STRAFORINE, 2017, p. 06). O ensino de Geografia deste modo deveria estar atrelado a ideia de um ensino unificado em currículo e metodologia.

Carlos Miguel Delgado de Carvalho nasceu e estudou na Europa. Em 1920 ele retorna ao Brasil, com uma carga teórica muito vasta, pois teve contato com geógrafos ingleses e estadunidenses, significando a chegada de novos ares nas questões metodológicas geográficas. Significava neste momento novas ideias, já que os geógrafos brasileiros tinham maior afinidade com as geografias alemã e francesa. Neste mesmo ano, Delgado de Carvalho se efetiva professor no Colégio Pedro II.

Delgado de Carvalho critica o fato de a geografia ensinada no Brasil ser meramente mnemotécnica. Afirma ele que aos alunos eram dados muitos nomes para decorar a fim de que pelo menos alguns pudessem eles guardar na memória. Quanto aos professores, estes são descritos como guardadores de livros de geografia [...]” (ROCHA, 2012, p.05)

A Geografia ensinada nas escolas brasileiras estava ainda muito restrita a um ensino e a Geografia tradicional ligada a métodos descritivos e mnemônicos. Como Delgado de Carvalho havia passado um tempo na Europa, ele trouxe para o Brasil novas ideias e abriu caminho para a institucionalização da geografia moderna nas escolas brasileiras.

Gonçalves, (2012, p. 193) ressalta que:

A constatação e crítica da geografia descritiva e mnemônica nas salas de aula brasileiras, feita por Delgado de Carvalho quase cinquenta anos depois dos famosos pareceres de Ruy Barbosa, indicavam uma tendência persistente dessa geografia no currículo escolar. Até pouco tempo considerado um dos pais da geografia moderna brasileira, Delgado de Carvalho foi impiedoso em sua análise da situação da geografia nas escolas do Brasil. Participando do cenário europeu, caracterizado por intensos debates em torno da formação identitária da Geografia enquanto uma ciência moderna, Delgado de Carvalho encontrou uma geografia no Brasil ainda presa as condições clássicas da Geografia.

Delgado de Carvalho propôs a renovação da Geografia nas escolas brasileiras juntamente com colegas professores que faziam parte do quadro do Colégio Pedro II. Vale salientar que o contexto brasileiro à época (anos 1920-1930) contribuiu para instalação da renovação geográfica escolar brasileira, pautada em novas metodologias e práticas no ensino de Geografia, num momento em que aconteceram muitos debates e discussões sobre a educação nacional e que vieram a gerar resultados de mudanças no ensino.

A escola passou a ser considerada solução e ferramenta importante para o desenvolvimento do país, uma vez que atende aos interesses do momento em que o Brasil

está se industrializando e urbanizando-se. Com isso a nova escola devia apresentar novos métodos, currículos e ser mais inclusiva, no intuito de atender a maior parte da população. Essas discussões levaram a realizar uma nova organização do ensino (GONÇALVES, 2012).

A grande importância e influência do autor no ensino da geografia escolar brasileira foram marcadas na publicação do livro *Geographia do Brasil*, realizada no ano de 1913. Delgado de Carvalho teve grande relevância nas mudanças metodológicas e curriculares de ensino. O seu livro mais importante sobre ensino de geografia fora publicado em 1925; “*Methodologia do Ensino Geographico: Introdução aos estudos de Geographia Moderna*.”

Delgado de Carvalho criticou bastante o ensino mnemônico e descritivo muito tradicional nas práticas docentes nas escolas brasileiras da época. Para a instalação da reforma no ensino, ele enfrentou diversas dificuldades, sendo uma delas, a falta de comunicação entre os professores de Geografia. Segundo Gonçalves (2012, p.199):

Para Delgado de Carvalho, a instalação definitiva de uma nova geografia nas escolas brasileiras exigiria as seguintes medidas: (1) acréscimo de um ano, no secundário, da disciplina geografia; (2) adotar como fundamento, no desenvolvimento dos tópicos da Geografia, exemplos retirados do cenário brasileiro; (3) acrescentar tópicos de geografia humana (citado como antropogeografia); (4) recomendar, além dos exercícios cartográficos, atividades de —dissertação geográfica como forma de exercitar a argumentação sobre temas geográficos; (5) organização de uma associação de professores de geografia.

De acordo com Gonçalves (2012) as grandes reformas educacionais ocorridas no Brasil a partir da década de 20 do século abriram as portas para a renovação da Geografia escolar. A Reforma de Luiz Alves-Rocha Vaz com a participação atuante de Delgado de Carvalho significou o primeiro grande trunfo da renovação da Geografia. Contudo, as mudanças conservaram algumas características da geografia escolar, já existentes. Nesse sentido,

[...] não se excluiu, nos estudos introdutórios de Geografia, os conhecimentos astronômicos. Mas os avanços foram muitos. O estudo da fisiografia era colocado em posição especial, já que, para firmar-se na seara científica, estabelecia o conhecimento de causas e classificação de alguns fenômenos, distanciando-se das meras listas de nomes a serem decorados (GONÇALVES, 2012, p. 200).

Foram admitidos os estudos referentes à Geografia humana, denominados de estudos antropogeográficos. O enfoque de sobrepôr o Brasil nos ensinamentos se apresentava cada vez mais acentuado, norteando uma educação nacionalista que vislumbrasse a grandeza do Brasil. A educação patriota foi bem intensificada num contexto em que o Brasil passava por

diversas transformações econômicas e sociais.

A criação dos primeiros cursos superiores de Geografia e de instituições como a Associação de Geógrafos Brasileiros, se deu a partir da grande valorização da Geografia por meio do Estado brasileiro, diante do momento pelo qual vivenciava.

Destarte, as três primeiras décadas do século XX significaram período de profundas transformações na educação brasileira e principalmente na Geografia escolar. A institucionalização da Geografia escolar com os fundamentos da geografia moderna proposta e realizada por Delgado de Carvalho proporcionou o que poderíamos denominar de uma revolução metodológica curricular do ensino de Geografia no Brasil.

Pensar o ensino de Geografia leva-nos a refletir questões metodológicas e de práticas docentes. Nisto, o ensino de qualquer disciplina perpassa pelas metodologias aplicadas em sala de aula, que podem influenciar o processo de ensino e aprendizagem e como também, as finalidades que a educação propõe.

Delgado de Carvalho foi muito importante para a geografia escolar brasileira, pondo-se como o introdutor e pai de Geografia moderna no Brasil, isso explica o motivo de suas práticas metodológicas se perpetuarem na produção de livros didáticos da disciplina.

4. PROPOSTAS METODOLÓGICAS DE DELGADO DE CARVALHO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Delgado de Carvalho como vimos anteriormente figurou-se como pai da Geografia moderna no Brasil. Este pioneirismo deve-se a ele por ter introduzido nas escolas brasileiras através de reformas curriculares e metodológicas uma nova forma de se ensinar e aprender a ciência geográfica, tendo o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro como ponto de partida e referência nacional. Mesmo depois de tanto tempo de suas publicações, quase cem anos, suas ideias, metodologias e críticas perduram até hoje nas grandes discussões sobre ensino de Geografia. Assim:

Delgado de Carvalho tinha pleno entendimento da mediocridade que até então era característica do ensino de geografia no Brasil no início do século XX, uma geografia alheia, e que nada se aproximava da geografia científica que já vinha sendo desenvolvida na Europa. Dessa forma, principalmente em relação à metodologia empregada para o ensino dessa disciplina, convergiu suas críticas para aquilo que nomeou de “*concepções geográficas tradicionais*.” Destacava, no interior dessas concepções, a geografia de caráter administrativo, isto é, o estudo do território brasileiro a partir de sua divisão por estados da federação, e a geografia de caráter nomenclaturista, cuja única finalidade era conferir nomes, privilegiando a memorização em detrimento do conhecimento. Delgado considerava esses como sendo entraves poderosos ao desenvolvimento da geografia científica que desejava estabelecer em definitivo na sociedade brasileira (PESSOA, 2007, p. 46).

As duras críticas de Carvalho ao ensino de Geografia no Brasil corroboraram para que o professor viesse a desenvolver propostas metodológicas e inovadoras para o ensino desta disciplina. Diversas publicações de sua autoria foram importantes divisores de águas no tratamento das aulas de geografia, sobretudo na institucionalização da geografia moderna no Brasil.

Dentre suas obras, a principal no tocante a metodologia de ensino, teve destaque o livro: *Methodologia do Ensino Geographico: introdução aos estudos de Geographia Moderna*, publicado no ano de 1925. A obra trás inúmeras concepções e contribuições metodológicas para o ensino de Geografia moderna, além de críticas a Geografia tradicional predominante à sua época.

4.1 Aspectos metodológicos da obra *Methodologia do Ensino Geographico: introdução aos estudos de Geographia Moderna*, 1925.

Segundo Delgado de Carvalho (1925) o objeto de estudo da Geografia se apresenta como sendo o estudo da terra como “habitat do homem”. Dentro desta perspectiva, Delgado

ressalta que não era sob este pensamento que a geografia estava sendo tratada. Mas, de forma nomenclaturista, a rigor de memorização de nomes de rios, montanhas, lugares, etc. É uma das primeiras críticas realizadas por ele.

Com referência ao ensino de Geografia no Brasil, Carvalho (1925, p. 04) afirma que:

Aqui, quem não sabe nomenclatura, não sabe geographia, e deste modo a poesia e a geographia são productos directos da imaginação, apesar de fazerem parte de cadeiras differentes. Uma geographia é tida por mais ou menos completa, segundo o numero de paginas que conta e a extensão das listas que a imaginação confia á memoria das victimas; o ideal seria provavelmente um tratado volumoso, incluindo a lista telephonica. Entrariamos assim no dominio pratico.

Como podemos perceber na citação, temos uma caracterização de uma geografia puramente descritiva que caracteriza o ensino tradicional, do qual Delgado de Carvalho era oposto. Tão comum que caía na rotina e tornava-se normal no ensino da disciplina no Brasil e em outros países da América. Como o autor tinha uma formação conceituada, fundada na Europa por onde estudou muito tempo, ele propôs sugestões metodológicas para o ensino e deste modo foi peça chave na introdução da Geografia moderna nas escolas brasileiras.

A escolha de um critério de análise levou consideração do autor, que colocava que a Geografia tinha tendência a se tornar cada vez mais humana em suas investigações. Na concepção moderna o estudo da Geografia era muito importante, pois possibilitava um alcance muito maior às questões filosóficas e educativas. Ressaltou em sua obra que existiam poucos conteúdos que tratavam da figura humana. Como bem propõe Delgado de Carvalho, (1925, p. 05):

Porque que não havemos, no ensino da geographia, de comunicar aos que estudam um dos grandes aspectos dos grandes cyclos vitaes, tornando mais amena a disciplina e dando lhe o cunho de humanismo interessado e mais profundo? A physiographia é pois, antes de tudo um assumpto cujo o estudo contribue á formação geral do individuo e a este criterio é que deve obdecer seu methodo de ensino.

O método comparativo desta maneira seria uma das tendências características da Geografia moderna (CARVALHO, 1925). A educação contextualizada era uma das principais ideias metodológicas para o desenvolvimento do ensino de Geografia, o ensino deveria levar em consideração a realidade espacial do aluno, colocando em evidência seu contexto, para a partir daí, construir o conhecimento. Desta maneira, o meio em que vive o aluno deve ser escolhido como assunto principal a ser estudado. Discursos estes, usados até hoje na Geografia contemporânea.

Como proposta metodológica para que melhor fosse trabalhado o ensino de Geografia física, ele sugeriu que os conteúdos fossem trabalhados de forma mais clara e objetiva, pois a nomenclatura geográfica que se baseava na memorização de rios, montanhas e ilhas, por exemplo, isso tornava o estudo mais complicado, em vez de simplificar. “A geographia physica não necessita o emprego de palavras difíceis. Não há phenomeno que não possa ser explicado de um modo simples, elementar” (CARVALHO, 1925, p. 20).

Delgado de Carvalho defendeu a ideia de que o ensino contextualizado era base para que a formação e a aprendizagem dos sujeitos fossem efetivadas e exitosas. O ensino patriota ocupou importante lugar nos seus discursos e conseqüentemente nos seus ideais metodológicos na geografia moderna.

Delgado de Carvalho, (1925, p. 07) ressalta que:

A geographia patria precisa, por conseguinte, servir de base e de ponto de partida ao estudo da physiographia e da geologia do globo. Devemos passar rapidamente sobre assumptos que não têm applicações no Brasil; deixemos o estudo mais detalhado das geleiras aos estudantes suissos o exame circunstanciado dos vulcões aos japonezes e aos equatorianos. Insistimos em compensação, sobre climatologia tropical, sobre condições das zonas semi-áridas do globo, sobre typos de formação littoranea, recifes, etc.

Os estudos de Geografia humana, intitulados de antropogeografia foram muito evidenciados em sua obra, que defendeu a introdução do ensino desta vertente geográfica na escola. Estudos demográficos, tais como distribuição de raças, línguas, religiões e populações, eram necessários à compreensão da influência do meio que tem sobre o homem e assim produzem e reproduz o espaço geográfico, utilizando-se também de técnicas estatísticas para estes estudos demográficos, muito presente a sua época, já que a geografia passava pela sua renovação, caracterizando o período da geografia pragmática ou quantitativa.

Delgado de Carvalho propôs diversas reformas de ensino que mais tarde ajudaram no engajamento mais frequente nos cursos de formação. Criticou o Brasil por colocar a Geografia em segundo lugar, sendo vista apenas nos primeiros anos do curso secundário, sendo diferente de países como os Estados Unidos e países europeus, como exemplificou que têm a geografia em todos os anos do curso secundário.

Sobre estas questões Carvalho (1925, p. 16) destacou:

O erro é antigo, é herdado de geração em geração: existe uma infundada tradição que quer que sejam preparadas antes de tudo as materias faceis, a geographia é

considerada como a mais fácil de todas porque, na opinião corrente, tradicional e errada, ainda é apenas uma questão de memória.

De acordo com a citação supracitada, fica claro o quanto Delgado de Carvalho foi forte crítico aos métodos de ensino de Geografia no Brasil, que eram limitados aos métodos descritivos e memorativos. Nesta concepção, as listas de nomes presentes nos compêndios não seriam suficientes para que a aprendizagem geográfica obtivesse sucesso. Ainda segundo o autor, destacou que é grande utilidade o estudo das paisagens, saindo muito melhor que a listagem de nomes dos livros e compêndios. Nesse sentido:

O que necessita, por conseguinte, entre nós o ensino de geographia, não é de compendios mais completos, é de apenas de um anno preliminar de geographia physica pura mas elementar. Seria mais util insistir sobre classificação de climas, de rios, de costas do que sobre rios. A classificação é uma operação fácil, pôde ser feita para o alumno mais ignorante, com a condição que elle veja os exemplos e perceba os termos (CARVALHO, 1925, p. 20-21).

De acordo com a proposta do autor, o ensinar e o aprender Geografia está muito além das limitações que são impostas pelos compêndios, livros, etc, que são utilizados para fins de memorização, mas se fazem dentro de uma perspectiva dialógica. Para Delgado de Carvalho a construção do conhecimento geográfico se dá também bebendo da fonte da história, dentro de duas relações distintas, a Geografia histórica e história da Geografia. Assume-se nesta lógica uma relação existente entre a história e a geografia. Contudo, Carvalho, (1925, p. 28-29), evidencia que:

O ensino de Geographia, deve procurar todos os meios capazes de tornar mais praticos e mais interessantes para os estudantes os dados que fornece esta disciplina. Tudo que pôde despertar o interesse, numa questão geographica, deve ser com discrição e medida, aproveitado e assimilado. Ora, é a mais banal das verdades dizer que não ha geographia sem historia, nem historia sem geographia: são dois ramos de conhecimentos, actualmente admittidos como interdependentes, apesar de que o geographo e o historiador são duas personalidades que perdem ambas em ser fundidas em um só individuo (CARVALHO, 1925, p. 28-29).

A História da Geografia pode ser entendida como a cronologia das descobertas geográficas, em outras palavras o desenvolvimento humano ao longo do tempo no globo ou as conquistas do conhecimento geográfico. Em contrapartida a Geografia Histórica, está ligada segundo a concepção do autor, como o quadro e/ou situação momentânea propriamente dita em que se desencadeiam os acontecimentos. A Geografia histórica positivamente está “baseada em antecedentes históricos conhecidos, e uma parte

interpretativa [...]” (CARVALHO, 1925, p. 29).

Para Delgado de Carvalho o conhecimento geográfico não deve usar os dados históricos pela história em si, mas buscar nos saberes históricos explicações para os fenômenos geográficos. Ao tomar como exemplo o estudo das línguas, ele bem orienta que não devemos tomar o assunto aprofundando na sua área, neste caso da gramática, mas sob à luz da geografia, se tratando da geografia histórica, Carvalho (1925, p. 31) recomenda que esta atividade seja trabalhada da seguinte forma:

Deverá graphicamente mostrar sobre o mappa o roteiro seguido pelas principaes linguas, as épocas e directrizes de sua expansão pelos continentes. Deverá também mostrar, por exemplos bem escolhidos, as influencias modificadoras que, no decorrer dos tempos, se exercem sobre uma língua; indicar a influencia do mar, do isolamento, do meio, das ilhas, dos pontos de passagem (CARVALHO, 1925, p. 31).

Observando a fala do autor, é perceptível que sua proposta metodológica reside muito nas questões reflexivas e analíticas. Tomando assim a partir do assunto, perceber os fatores externos a determinados fenômenos, sendo também elementos de análise para a compreensão do todo, ou seja, para a compreensão maior da dinâmica da Geografia. Evidencia também, seu discurso de dar maior ênfase aos estudos relacionados ao ser humano, a antropogeografia. Para ele, o estudo de Geografia e História, é essencial para o desenvolvimento da educação nacional e patriota, a qual tanto defende.

Como propostas metodológicas para estas atividades, Delgado de Carvalho (1925, p. 41) ressalta:

E’ preciso que, por meio de lições semnaes praticas, com demonstrações, experiencias mesmo, seja confirmada a theoria didacta [...] é indispensável que a Escola Normal ministre a suprema sciencia: o patriotismo esclarecido e forte, haurido em fontes fidedignas. [...] Para este fim deve ser armado o professor de todos os processos de explanação e demonstração desde o graphico, o diagramma, o cartograma, o esboço, o corte, a estatistica, até symbolização concreta, artificial, no taboleiro de areia e no pateo, etc. Elle deve saber como se prende a atenção dos meninos, como se fala á sua imaginação, em linguagem geographica.

Relata deste modo que, o papel da Escola Normal não consiste em formar geógrafos, pois não é escola de Geografia. Deve-se em suma, buscar a formação individual. Para esta formação o ensino deve estar pautado sobre alguns objetivos, representados pela evidenciação da geografia frente às outras disciplinas, dando-lhe caráter interdisciplinar; expor os problemas gerais da geografia, e colocar temas referentes à Geografia física e humana.

Delgado parte do pressuposto em que devemos considerar o conhecimento prévio dos

alunos, para que de forma dialética o conhecimento geográfico se dê de forma satisfatória. O método de ensino progressivo se apresenta como método chave para tal atividade. O professor nesta situação deverá adotar exercícios e etapas progressivas com a finalidade de:

- a) Atender a capacidade de compreensão de seus, alumnos, evitando explicações ou representações que não fiquem bem elucidadas [...]
- b) Atender às necessidades e aos pontos de vistas da escola, às condições locais em geral. Na escola rural, a interpretação geographica é evidentemente facilitada pela topographia ambiente, menos desfigurada pelo homem.
- c) Escolher seu material de estudos, os dados geographics e outros, segundo o valor educativo que apresentam, antes de tudo, e, seguida, segundo o seu valor pratico. [...]
- d) Saber limitar os conhecimentos que vae ministrar aos alumnos [...] com interesse maior ou menor que offerecem, segundo o auditório considerado. [...]
- e) Lembrar sempre que a geographia mais pratica consiste empreparar uma base larga e variada, logica e explicativa aos demais ramos scientificos (CARVALHO, 1925, p. 49).

Delgado de Carvalho destaca que o professor deve estar bem preparado e formado para o exercício da docência. Nesta perspectiva, suas orientações são altamente atuais e precisas no que tange às questões didáticas e de planejamento de aula. Quando relata que deve saber limitar os conhecimentos que vão ser ministrados, refere-se ao tipo de escala que o tema será trabalhado e também ao seu grau de importância, sendo as temáticas contextuais do aluno e nacionais mais relevantes a se aprender. Por fim, reforça a transdisciplinaridade da Geografia como ponto forte desta ciência e como fundamental à sua compreensão.

Como método prático para melhor compreenderem-se os conteúdos relativos à Geografia, sugere-se na obra que o professor trabalhe na perspectiva de uma metodologia concêntrica, caracterizada pela aplicação de exercícios escritos de forma gradual. Tomando como exemplos os elementos que constituem o cotidiano do aluno.

Conforme cita Delgado de Carvalho, (1925, p. 51):

Os paes, irmãos, amigos são o elemento humano da disciplina que está estudando. O sol é factor vital que condiciona tudo em geographia. O caminho da escola é a geographia pratica do pequeno viajante que elle é. O professor insistirá com proveito sobre esta noção simples do viajante, de viagem, de viajar de um ponto para o outro.

Delgado de Carvalho propõe um ensino sob a lógica do mapa mental feito a partir do cotidiano do aluno, dos símbolos que ele vê diariamente. Desta, maneira o método de observação torna-se crucial a este exercício. O aluno deve atender aos exercícios de orientação, observação, medição e representação. Noções práticas e fundamentais para o

desenvolvimento do conhecimento geográfico.

Nesta linha de pensamento, o conhecimento começa da sala de aula para além das paredes da escola, indo até a observação da natureza no pátio da escola nos momentos recreativos. Como exemplo:

O pateo da escola, num dia chuva, vale a pena ser observado: reúnem-se ahi, em miniatura, todas as feições características da crosta terrestre. O mestre que chame a atenção das crianças, em primeiro logar sobre a agua que corre, procurando sempre os pontos mais baixos; é liquida; isto é não tem fôrma propria, amolda-se ao recipiente ocasional, quando não há pontos mais baixos, ella não ocorre: fôrma poças (CARVALHO, 1925, p. 60-61).

Delgado de Carvalho foi grande defensor de metodologias de ensino que proporcionassem o conhecimento construído a partir da observação do meio em que vive o aluno, daí a Geografia se tornaria mais significativa e, por conseguinte mais importante para a sociedade.

4.2 Delgado de Carvalho e a orientação moderna para o ensino de Geografia.

Para Carvalho, a geografia apresenta uma grande complexidade, sendo abandonada ou mal-entendida, porém é esta complexidade da ciência geográfica que se apresenta como o seu principal fator de progresso. A Geografia moderna se difere da Geografia antiga, porque esta última estuda o universo e seus habitantes, já a moderna tem como foco de estudo o universo em relação aos seus habitantes. Neste caso, a Geografia moderna se apresenta como mais complexa. Entretanto,

A complexidade da geographia moderna resulta pois de ser ella o ponto de interferencia de differentes sciencias, como poderia ser visto num graphico que representaria as sciencias sociaes, naturaes, physicas e mathematicas cruzando-se ficando o campo comum num círculo central, repreentando a geographia. [...] Na geographia moderna, ao contrario, o manual não deve ser a repetição secca do mapa [...] o manual moderno é feito para coordenar factos, explical-os [...]. A geographia moderna dá mais valor ao livro e mais valor ao mappa tornando uma explicação do outro e não sua mera reprodução sob outra forma (CARVALHO, 1925, p. 65/66).

Contudo, a Geografia moderna está muito além da memorização e do ensino mnemônico, parte das análises comparativas, servindo até de suporte para outras ciências. Faz-se referência ao uso de muitos nomes, dificultando muitas vezes a aprendizagem do

aluno. Os nomes para melhor apreensão devem tomar sentido de acordo com a vivência do aluno, para que não fique apenas para a sua memorização.

Os nomes devem ser conhecidos, especialmente nos primeiros anos de estudo, começando pelos de uso mais comum, mais próximos e ligados à vida de todo dia. Mas é dever do mestre nunca deixar um nome isolado, sem conexão, sem relações de causalidade ou finalidade. O número de assumptos a ensinar pode variar, mas nunca poderá dispensar a relação directa ou indirecta com o centro de interesse, o homem (CARVALHO, 1925, p. 69).

Para Delgado de Carvalho, o ensino de Geografia tem como finalidade demonstrar ao aluno, o modo pelo qual o meio age sobre o homem e como o homem se adapta ou reage. Desta maneira, os fatos devem ser sistematizados para a generalização e compreensão do fenómeno em evidência. Adiante, a geografia sistêmica será substituída pela Geografia regional. Pondo em destaque a influência do meio na formação social dos seres humanos, visão bem determinista.

Portanto, Delgado de Carvalho, (1925, p. 72) salienta que:

De um modo geral, é necessário evitar, no ensino de geographia, como de outras materias, que a lembrança de um facto scientifico fique ligado ao aspecto da pagina impressa em que foi lido. Um menino que corrigiu o seu companheiro porque pintou de vermelho o Estado de Sergipe, quando no seu Atlas este Estado é verde, mostra que não percebeu o alcance do ensino geographico que lhe foi ministrado. E' mais facil ensinar por meio de livros e de palavras, porém, em geographia é mais proveitoso ensinar por figuras, por objetos, por coisas.

Como bem falou Delgado de Carvalho, o ensinar Geografia não consiste apenas em reproduzir as informações contidas nos livros didáticos, atlas ou demais materiais. A aprendizagem desta disciplina torna-se muito mais prática e proveitosa quando utilizamos figuras, objetos, e outras atividades lúdicas capazes de fomentar o gosto e a aprendizagem pela Geografia com muito mais prazer.

4.3 Geografia Moderna e a concepção de Região Natural.

Segundo Delgado de Carvalho a concepção de região natural vai muito além de qualquer conceituação feita por outras ciências, é um conceito intrínseco à geografia. Com isso, a ideia de região natural é diferente para o botânico, para o meteorologista e demais

profissionais, contudo, para o geógrafo se adota conceito muito mais denso. Para o autor, os nomes regionais são as fontes vivas da Geografia.

A noção de região natural é simplesmente a expressão de facto, pouco a pouco posto em evidencia pelas observações que vão sendo feitas de um seculo para cá; as causas que agem sobre a superfície do globo não se distribuem ao acaso e se manifestam, a maior parte das vezes, sobre uma certa extensão: observações meteorologicas mostrando que as médias de temperaturas e de chuvas variam pouco numa região determinada; [...] (CARVALHO, 1925, p.79).

Diante destas afirmações, apontamos que a região natural resulta da ação combinada de diversos elementos, sendo eles, naturais ou humanos no espaço e no tempo. Por fim, numa conceituação mais precisa, Carvalho, (1925, p. 82) sobreleva que:

A << região natural >> é uma subdivisão mais ou menos precisa e permanente que a observação e a investigação permitem crear numa area geographica estudada, no intuito de salientar a importancia respectiva das diferentes influencias physiographicas, respeitando o mais possivel o jogo natural das forças em presença e collocando a synthese assim esboçada sob o ponto de vista especial do factor humano nella representado.

Delgado de Carvalho ressalta bastante a importância do fator humano presente na dinâmica do espaço geográfico. Propõe a divisão do território em regiões naturais e releva que o ensino da Geografia pátria deve ser sobreposto aos demais conteúdos, neste caso, a disciplina deve ser apresentada como divertida e interessante. Como métodos práticos para a realização deste exercício ele aconselha que sejam usados bons mapas, gráficos, perfis, fotografias, com objetivo de tornar a geografia fácil e cativante (CARVALHO, 1925).

4.4 Delgado de Carvalho e os processos didático-metodológicos para o ensino de Geografia.

Para Delgado de Carvalho um texto sempre deve vir acompanhado de um atlas, justamente para facilitar a compreensão dos estudos geográficos. Nisto, segundo sua lógica para ser feita uma análise mais detalhada, os meios ou agentes vetores de conhecimento geográfico são: o texto; o atlas, a palavra do professor e a prática.

Frente a esta colocação, Carvalho, (1925, p. 108) sugere a seguinte linha metodológica para o desenvolvimento do conhecimento geográfico em sala de aula:

- 1) texto.....

- a) leitura do compendio;
- b) exposição oral na aula
- 2) O Atlas.
 - a) Leitura do atlas antes do uso do compendio;
 - b) consulta do atlas para localizar o que diz o texto
 - c) leitura do atlas para encontrar o que não diz o texto;
 - d) uso do atlas para a preparação schematica da lição.
- 3) A palavra do mestre
 - a) critica da exposição oral;
 - b) explicação do texto e inqueritos;;
 - c) commentarios de dados complementares ao texto;
 - d) leituras geográficas ;
 - e) orientação dos exercicios práticos.
- 4) A pratica.
 - a) exercicios cartográficos;
 - b) exercícios estatísticos; diagramas;
 - c) estudo da documentação photographica: interpretação oral ;
 - d) dissertações geográficas. Problemas;
 - e) experimentação---- laboratorio de geographia, medições, observações, passeios, etc. (CARVALHO, 1925, p. 108).

Como podemos observar sua linha metodológica de ensino não difere ou não se distancia das práticas pedagógicas atuais, que enfatizam primeiramente as leituras teóricas de forma prévia e posteriormente o uso de exercícios práticos para a verificação da aprendizagem do aluno e conseqüentemente a efetivação do processo de ensino de geografia e também de outras disciplinas.

Delgado de Carvalho pressupõe o uso do compêndio como guia que indica e cobre o conteúdo programático, o material neste caso se representa como caminho que deve ser percorrido. Na seqüência metodológica do autor, primeiro deve ser estudado a teoria presente nos compêndios e posteriormente sejam realizados os exercícios práticos, relação teoria-prática. Além destas propostas, coloca que sempre devemos usar materiais com informações atualizadas, principalmente o atlas.

O professor deve conhecer sempre o material que escolheu para trabalhar, deste modo “[...] um professor de geographia, qualquer que seja o seu saber, deve conhecer a fundo o compendio que adoptou para suas aulas e os recursos que nelle póde achar [...] o professor deve ter o conhecimento da bibliografia de cada assumpto [...] Deve tambem poder indicar leituras complementares” (CARVALHO, 1925, p. 111).

Para tanto, considera que além de um bom material (compendio) o professor precisa apresentar habilidade, só assim, o desenvolvimento da aprendizagem se dá de forma mais concreta. Nessa abordagem:

<<Nas mãos de um professor hábil, diz F. K. Branom, o textbook torna o lugar de importancia de um instrumento, de uma fonte de informação, uma inspiração, um estímulo, um guia e um interprete das leis.>> Por isso, depende muito do compendio

o prazer ou aversão que os estudantes têm pelo estudo da geographia [...] O compendio bem feito não é mais completo, é o mais interessante e exacto (CARVALHO, 1925, p.115).

Os agentes transmissores do conhecimento geográfico (texto, atlas, a palavra do mestre e a prática) constituem importantes instrumentos para a concepção do saber geográfico. O autor considera muito importante a dissertação geográfica para a melhor fixação da aprendizagem. Esta dissertação, não pode limitar-se a cópia do compêndio, muito menos na enumeração de nomes e algarismos.

A dissertação geográfica, assim como em outras áreas, deve apresentar uma lógica na organização dos fatos, onde sua composição é apresentação do assunto, utilizando um método de apresentação, e por fim apresentar um desenvolvimento e uma conclusão.

Para Delgado de Carvalho (1925, p. 119) a dissertação geográfica é indispensável principalmente:

1º--- Para acostumar o alumno a escrever em lingua corrente sobre assumptos diversos [...] 2º--- Para acostumar o alumno a coordenar suas idéas. [...] Para << aprender a aprender >> porque aprender para si é uma coisa, aprender para explicar a outros é coisa diferente. [...] A dissertação geográfica é pois o melhor balanço que se possa fazer das condições em que se acham as noções sorvidas nos livros, nos mapas e nas aulas.

As regras gerais para escrita da dissertação geográfica consistiam em: aprender os fatos através dos compêndios, atlas etc; coletar dados a partir dos fatos; conhecer as fontes de informações; fazer planos de dissertação; elaborar dados; compreender bem a questão antes de começar a escrever e esquematizar.

Delgado de Carvalho destaca que um método prático para as aulas de geografia, seria a boa escolha do que ele chama de “prototypos” que são modelos/exemplos utilizados na geografia para facilitar a aprendizagem, e evitar as nomenclaturas cansativas.

Diante destas questões, Delgado de Carvalho (1925, p. 138) enfatiza que:

A geographia mnemothecnica não fornece ao espirito um só gancho onde possa ser mais tarde enganchado um simples facto de ordem geographica. Em summa, o proto-tipo simboliza a revolta do espirito barbaramente perseguido e torturado pela nomenclatura parasitaria, fruto da ignorancia profunda das coisas mais simples e da grande preguiça intellectual que leva a seguir a corrente, embora reconhecida errada, em vez de procurar a simplificação na interpretação inteligente dos factos.

Deste modo, a Geografia mnemônica ou de nomenclaturas não seria suficiente na edificação do saber geográfico, muito além, está na reflexão e na interpretação dos fatos.

Delgado de Carvalho defende também o uso de fotografias como metodologia para o

ensino de geografia. Sugeriu como método, a utilização de vistas fotográficas, cartões postais, projeções fixas e também a utilização de filmes.

O autor em análise (1925, p 149) destaca que:

A photographia, quando significativa e bem escolhida, é evidentemente o melhor auxiliar do atlas e do texto. A infinidade de coisas que ella póde reproduzir é por si só uma lição. A questão é fazel-a <<falar>>. A photographia quando incluída no compendio deve ser incluída no texto com o qual tem ligações. [...] Cabe ao professor não deixar escapar as illustrações do assumpto em estudo.

A fotografia neste caso, não deve ser usada de forma solta, e sim, sempre mostrando sua relação com o conteúdo explicando suas interações. Segundo Delgado de Carvalho (1925) recomenda que os documentos fotográficos devam ser originais, serem sempre acompanhados por explicações, comentários etc. De acordo com Delgado, todo professor deve procurar fazer um arquivo geográfico, a fim de depositar os documentos fotográficos. E, no momento da avaliação o professor deverá instigar o aluno a fazer comentários sobre a fotografia, além dos exercícios escritos.

Delgado de Carvalho também ressalta a importância de utilizar projeções fixas, para ele é fundamental que o professor prepare sua aula de projeções, pois significa importante didática interativa para a sala de aula, algo que chama muito a atenção. Aconselha que o professor deva estar sempre falando e explicando as fotos que se passam na projeção, porque a cada figura nova, é uma nova surpresa, novo conhecimento.

Uma grande ferramenta didático-pedagógica para o ensino de Geografia já defendida por Delgado de Carvalho é a utilização de filmes, em sua época chamada de fitas cinematográficas. Contudo, sobre esta temática, Delgado de Carvalho, (1925, p. 146) realça que:

Qualquer que seja o methodo escolhido: vistas, projecções ou fitas, a documentação photographica deve acompanhar o texto, o atlas e a palavra do mestre. Toda paisagem deve ser interpretada para ser devidamente compreendida: é na *compreensão das paisagens* que será escolhido o melhor ensinamento da geographia. E' tambem este typo de documentação que mais impressiona a imaginação, fixando-se na retina e conservando-se mais viva a lembrança. Introduz, por fim, no ensino, interesse e variedade e deve, em consequencia, ser francamente utilizado no nosso ramo didactico.

Por fim, os recursos didáticos para o ensino de Geografia são amplos. Estes, muito importantes quando utilizados com planejamento prévio e significam importantes ferramentas metodológicas para a efetivação da aprendizagem em Geografia, sobretudo na escola.

4.5 Os testes como método de avaliação e a aplicação dos processos gráficos: uma visão geral.

O teste na perspectiva de Carvalho (1925) está essencialmente ligado ao método da prova escrita. Podendo ser uma pergunta ou uma afirmação. Ressalta que um teste não pode ser confundido com questionários que existem no fim dos capítulos de livros didáticos. O teste é respondido por uma frase curta, uma ou duas palavras.

Os testes variam de acordo com nível de dificuldade. Para Delgado de Carvalho o teste serve de medida para avaliar a matéria ensinada, devendo ser organizado e submetido aos alunos de acordo com o grau de instrução. Vários testes devem ser realizados, com a finalidade de verificar as várias faculdades intelectuais. Por isso, a necessidade de escolher vários tipos de teste, sendo de: inteligência, de memória, de imaginação, de conhecimentos, etc (CARVALHO, 1925).

Segundo a sua proposta o professor deve organizar antecipadamente os testes referentes à geografia. No pensamento de um método de investigar os conhecimentos e o grau cognitivo dos alunos.

Contudo, Carvalho, (1925, p. 150) afirma que:

«O professor, mais do que todos, diz Medeiros, tem essa necessidade de medir a inteligência das pessoas com que lida, para poder constituir classes homogêneas, em que a marcha para o ensino possa fazer-se com a mesma velocidade média para todos os alunos... «Os *tests*, úteis para todos os alunos, são indispensáveis para os sub e os supra-normas.» Em geografia especialmente, o *test* indica não só o que o aluno sabe como também o que ainda pôde aprender, porque em *tests* pedagógicos bem estalonados é possível sondar ao mesmo tempo a inteligência, o bom senso, a memória e a extensão dos conhecimentos.

Os testes deste modo, são importantes métodos para se medir o conhecimento dos alunos e poder dimensionar o grau de conhecimento das pessoas, para poder saber o quanto aprenderam ou podem ainda aprender. Delgado de Carvalho propôs diversos tipos de testes com base em ideias de outros autores como Medeiros e Albuquerque, dos quais sugerem a utilização de testes coletivos de inteligência. Como exemplos apresentam os seguintes: teste dos contrários, teste das analogias, teste das melhores razões, teste das frases desorganizadas, teste dos provérbios, teste de acabamento de frases e teste de continuação de frases. Estes são métodos de testes muito comuns ainda na geografia contemporânea, orientações didáticas que ainda perpetuam.

Os tipos de testes citados anteriormente desconsideram os testes de memória, em suma eles se representam por serem testes que se caracterizam por ter alternativas para que o aluno

possa respondê-los. Embora por outro lado, estes tipos de testes podem deixar a entender que o aluno respondeu por palpite. Mas, porém, são métodos de testes aceitáveis e aplicáveis.

Segue a descrição geral de cada um dos testes, de acordo com Carvalho, (1925, p 153-166):

1. O *test dos contrarios* consiste em uma lista de substantivos, á esquerda da folha de papel. A' direita correspondem cinco ou mais palavras entre parenthesis que exprimem ideás diferentes, sendo uma *contraria* a do termo da lista [...] o alumno deve sublinhar a palavra contraria. [...]
2. O *test de analogias*, diz Medeiros, <<consiste em uma verdadeira proporção, armada, não com numeros, mas com palavras>>. [...]
3. O *tests das melhores razões* é formado por uma afirmação seguida de algumas razões que contribuem a explical-a; uma só, porém, é rigorosamente exacta e deve ser sublinhada. [...]
4. O *test das phrases desorganizadas* pode ser formado de phrases que contêm um erro a sublinhar ou uma palavra que não têm sentido na posição. [...]
5. O *test dos provérbios* [...] ficará limitado exclusivamente á meteorologia. [...] encontramos grande quantidade de rifões populares, relativos ao tempo, que pedem uma rapida interpretação, (quando são exactos). [...]
6. O *test de continuação de series* [...] Para o ensino de geographia, é uma prova de primeira ordem. [...]
7. O *test de acabamento de phrases* é muito corrente, [...] Consiste em omitir certas palavras no meio de phrases; o examinando deve escrevel-as... e accrescenta [...]

Estas atividades, exames ou mesmo testes, são muito decorrentes e constituem importantes métodos para o processo de avaliação, e, por conseguinte para o processo de ensino e aprendizagem, sobretudo da Geografia. De acordo com Delgado de Carvalho (1925) enfatiza que a adoção de testes representa importante caminho realizado para a modernização da Geografia. Para tanto, a designação de um escala de séries, experiências necessárias para chegar ao parâmetro definitivo vão exigir dos professores um esforço maior, dedicação e talvez grande mudança nos métodos e ideias correntes sobre a verdadeira Geografia.

Outra grande proposta metodológica de Delgado de Carvalho para o ensino de geografia traduz-se pela utilização de elementos gráficos para o tratamento de informações geográficas. Os gráficos e figuras permitem compreender, de certa forma, toda a complexidade dos fatos. Eles têm objetivo de expor claramente a intensidade e as variações de um fenômeno, no tempo ou no espaço (CARVALHO, 1925).

Para tal aprendizagem a partir da leitura gráfica, Delgado de Carvalho (1925) apresenta como principais processos geográficos: os diagramas; os cartogramas e os estereogramas. Cada um destes serve para diferentes propósitos e seguem regras diversas. Porém, existe a afinidade para combinações, e sua adoção vai de acordo com fenômeno estudado, sendo

escolhido, portanto, o processo mais adequado.

Diante, destas afirmações, Delgado de Carvalho (1925, p. 187-211) conceitua os processos geográficos como:

O diagramma é a representação gráfica de um phenomeno por meio de *figuras geographicas equivalentes aos algarismos* estatísticos que caracterizam o phenomeno. Os elementos fundamentais do diagramma são: *o ponto, a linha, circulo a superficie*. [...] O cartogramma consiste essencialmente em mappa geographico schematico sobre o qual são lançadas informações estatísticas representadas por meios convencionaes. A vantagem principal do cartogramma é de localiza mais ou menos exactamente os phenomenos. [...]

Por fim, os estereogramas consistem em representações geométricas sólidas, em três dimensões. Aplicando ao conhecimento geográfico, podem ser utilizadas principalmente nos conteúdos relativos ao relevo terrestre, dando uma terceira dimensão as figurações geográficas ou como, por exemplo, o próprio relevo, fará o aluno compreender melhor a realidade.

A representação sólida seria neste caso solução para o problema da determinada dificuldade de compreensão do assunto. “O sólido assim construído para o ensino geographico é o Estereogramma geographico” (CARVALHO, 1925, p. 212).

Em outras palavras, esta proposta metodológica de ensino de Geografia é equivalente a produção de maquetes, método lúdico e didático para aprendizagem dos alunos. Na colocação de Delgado de Carvalho, muito útil para os estudos de geomorfologia, uma vez que dá oportunidade ao aluno utilizar o tato para melhor poder entender as diferentes formas da crosta terrestre.

O uso de estereogramas (maquetes, sólidos) para Carvalho (1925, p. 214):

A aula de geographia torna-se um verdadeiro prazer quando o menino está manuseando entre os dedos o próprio problema em miniatura, cuja solução elle acha uma facilidade, descrevendo apenas o que está vendo e apalpando. Cada estereogramma é um capitulo de physiographia. Deve ser lido, como um livro, explicado em detalhes e pôde ser objeto de perguntas e exercicios como qualquer reprodução da natureza.

Portanto, numa atividade onde se adotou um estereograma (maquete ou representação geográfica em três dimensões) como lição, não se aceitam interpretações erradas ou falta de compreensão. Para Delgado a utilização de materiais palpáveis é extremamente importante para se utilizar em sala de aula, e se caracterizam por ser indispensável a sua utilização nas escolas, construindo conhecimento entre professor e alunos.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar como se dão os processos metodológicos para os ensinamentos de Geografia se apresenta como uma tarefa um tanto difícil. Sob a ótica da educação escolar qualquer que seja a discussão acerca do processo de ensino e aprendizagem, por menor que se apresente, será válida. Acreditamos que o fazer educação, construir conhecimento e, sobretudo, o fazer-se docente, está intimamente ligado com a dialética das variadas discussões que todos os dias nos impõe tarefas e/ou desafios, importantes para a nossa construção profissional.

O ensino de Geografia passou por um longo processo de institucionalização, como é sabido, as marcas e circunstâncias históricas permitiram uma série de situações que levaram a configurar esta Geografia tão complexa, cheia de por menores e ainda tão discutida. Afirmamos e reafirmamos o quanto o conhecimento geográfico é importante para a sociedade seja ele usado para bem ou para o mal.

Precisamos constantemente refletir as práticas docentes visando sempre fazer-nos melhores professores e, assim, obtermos melhores alunos e acima de tudo melhores pessoas. A reflexão do emprego da metodologia no ensino de Geografia consiste em uma análise que devemos sempre levar em consideração; as boas práticas didáticas se dão com boa formação docente, planejamento, diálogo, compreensão e flexibilidade. Nem sempre o inédito pode parecer algo atrativo, não desconsideramos que a utilização de metodologias inéditas seja descartada, mas, este não discurso de que sempre devemos inovar nas metodologias não pode limitar-nos.

Como é sabido, as contribuições metodológicas de Delgado de Carvalho que são bem antigas e ao mesmo tempo atuais, contribuíram para a formação de uma série de opções didáticas capazes de alcançar o pleno desenvolvimento da aprendizagem em geografia. A maior parte de suas propostas metodológicas permanecem até hoje, como exemplo, as aulas práticas de campo, utilização de bússolas, atlas, a ideia de usar imagens e maquetes como instrumentos didáticos e entre outras propostas que ele defendia. É perceptível o quanto Delgado de Carvalho foi influente e ao mesmo tempo continua presente nas questões que se referem à Geografia escolar.

As primeiras décadas do século XX representaram um divisor de águas na Geografia escolar brasileira. A introdução dos métodos modernos nas escolas brasileiras, pioneiramente no Colégio Pedro II, significou grande mudança metodológica nas salas de aula.

Mudança está protagonizada por Delgado de Carvalho, que rompeu com os métodos

tradicionais pautados na descrição e no ensino mnemônico para uma Geografia mais moderna, com ensino contextualizado e conseqüentemente mais didático e construtivo, apto em promover uma aprendizagem mais significativa.

A obra de Delgado de Carvalho intitulada *Methodologia do Ensino Geographico* datada de 1925, significa importante marco para as orientações metodológicas para o ensino de geografia, tão discutido e falado. Consideramos a obra como muito importante para se pensar e refletir a aplicação da metodologia de ensino de Geografia.

Contudo, nosso olhar não pode se limitar apenas às discussões metodológicas, embora sejam muito importantes. As questões de aprendizagem nem sempre residem na característica de como a metodologia se apresenta. Afirmamos que o discurso tão frequente dentro da Geografia de que é preciso estar sempre apresentando métodos inéditos para o sucesso da aprendizagem seja obsoleto.

A geografia tem muitas maneiras e métodos para o seu ensinamento, Delgado de Carvalho já provava isso há quase cem anos atrás quando preencheu a Geografia com diversas metodologias de ensino. Temos que alargar os horizontes de nossas discussões muito além das questões metodológicas. Devemos compreender que o gostar e o aprender Geografia não se limita somente a metodologia aplicada em sala de aula.

Portanto, pensar a didática, a formação docente, a estruturação curricular e também a organização dos espaços físicos da escola é de extrema importância na reflexão dos caminhos, problemas e desafios que a Geografia escolar na atualidade toma.

6- REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins. **DOIS MOMENTOS NA HISTÓRIA DA GEOGRAFIA ESCOLAR: a Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho.** (Artigo) Revista Brasileira de Educação em Geografia. v. 1, n. 2 (2011). Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/29/29> Acesso em: 29. Set. 2018.
- ALVES, Cícera Cecília Esmeraldo. **Ensino de Geografia e suas diferentes linguagens no processo de ensino e aprendizagem: perspectivas para a educação básica e geográfica.** Geosaberes, Fortaleza, v.6, número especial (3), p. 27-34, Fevereiro. 2016.
- BARBOSA, Paulo Osmar Dias. **Análise do uso dos métodos, das técnicas de ensino e recursos didáticos aplicados nos cursos de qualificação profissional: um estudo de caso no CEFET-PR.** (Dissertação de mestrado). Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/79448/179206.pdf> acesso em: 03 de nov. 2018.
- CABRAL, Thiago Magalhães; DINIZ, Vanessa Lessio; STRAFORINI, Rafael. **A Geografia Escolar na construção de identidades nacionais no Brasil e em Timor-Leste: Analisando obras didáticas sob o olhar da teoria do discurso.** (Artigo) II Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social: Ernesto Laclau e seus Interlocutores. Pelotas-RS, 2017. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/legadolaclau/files/2017/10/Thiago-Cabral.pdf> Acesso em: 29. Set 2018.
- CAMPOS, Antônio Carlos. **Metodologia do Ensino de Geografia.** Centro de Educação a Distância, Sergipe, 2010. Disponível em: http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/17554416022012Metodologia_do_Ensino_de_Geografia_Aula_1.pdf acesso em: 17 de fev. 2018.
- CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. **Importância educacional da geografia.** Educ. rev.no. 9 Curitiba Jan./Dec. 1993. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601993000100016. Acesso em: 05 de nov. 2018.
- CARVALHO, Delgado de. **Methodologia do ensino geographico (introdução aos estudos de geografia moderna).** Petrópolis: Tipografia das “Vozes de Petrópolis”, 1925.
- CARVALHO, Naeimer Ribeiro. **A geografia escolar no Brasil: percurso histórico da colonização à primeira república.** (Artigo). Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/07.pdf> acesso em: 29. Set. 2018.
- CASTRO, Patrícia Aparecida Pereira Penkal de; TUCUNDUVA, Cristiane Costa; ARNS, Elaine Mandelli. **A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente.** Revista Científica de Educação, Curitiba (artigo) 2008. Disponível em: <<http://nead.uesc.br/arquivos/Fisica/instrumentacao/artigo.pdf>> acesso em 17 de fev. 2018.
- GONÇALVES, Juliano Rosa. **Uma geografia moderna para uma escola moderna.** (Artigo). Caminhos de Geografia Uberlândia v. 13, n. 42 jun/2012 p. 190–204. revista on line <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/> ISSN 1678-6343. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16544/9556> Acesso em: 09. Out. 2018.

JESUS, Carina Nogueira de; CORRÊA, Joziane Caroline de Souza Salomão; PALÁCIOS, Keila Cristina Medeiros. **Currículo no Brasil: década de 1920-1930.** (Artigo). In: EDUCERE-XXII Congresso Nacional de Educação. Curitiba, 2015. ISSN 21761396. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22325_11553.pdf acesso em: 27. Set. 2018.

LUSTOSA, José Voste Júnior. **Ao povo e ao governo: o ideário educacional do manifesto dos pioneiros da escola nova no Brasil.** (Artigo). Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_8_f6dc1b892a8cacc6eb8fcdf8a94bdd72.pdf acesso em: 27. Set. 2018.

MENDES, Marlene Pereira Barros da Silva. **As metodologias de ensino de geografia e os problemas de aprendizagem: a questão da apatia.** Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica / Universidade Federal do Piauí. v. 3, n. 2 (2015). Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/parfor/article/view/4224/2957> acesso em: 17 de fev. 2018.

MIRANDA, Ricardo Ferreira. **O ensino de geografia: perspectivas atuais.** Revista Tocantinense de Geografia, Araguaína (TO), Ano 04, n.0 01, jan-jul. de 2015. ISSN 2317-9430. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/geografia/article/download/763/8153/> Acesso em: 05 de nov. 2018.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual.** Dissertação (Mestrado). UFPB/CCEN, João Pessoa-PB, 2017. Disponível em: http://www.ccen.ufpb.br/ppgg/contents/documentos/dissertacoes/rodrigo_pessoa.pdf/view acesso em: 09 de nov. 2018.

PIMENTA, Sônia de Almeida. CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. **Didática e o ensino de geografia.** – Campina Grande: EDUEP, 2008. Disponível em: http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia_PAR_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Didatica_Ensino_Geografia/Di_En_Geo_A08_IZ_GR_291208.indd.pdf acesso em: 17 de fev. 2018.

PIZZATO, Maria Diloné. **A geografia no contexto das reformas educacionais brasileiras.** (Artigo). Geosul, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. v. 16, n. 32 (2001) ISSN 2177-5230. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14021>. acesso em: 28. Set. 2018.

RAMOS, Marta Gonçalves da Silva. **A Importância dos Recursos Didáticos para o Ensino da Geografia no Ensino Fundamental nas Séries Finais.** Monografia (Licenciatura) Universidade de Brasília, Departamento de Geografia, Santa Maria, 2012. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5101/1/2012_MartaGoncalvesdaSilvaRamos.pdf acesso em: 17 de fev. 2018.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão.** Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 1993, n.4, pp.15-30. ISSN 0103-863X. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1993000100003 acesso em: 27. Set. 2018.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **Delgado de Carvalho e a Orientação Moderna no Ensino da Geografia Escolar Brasileira.** (Artigo). *Terra Brasilis* [Online], 1 | posto online no dia 05 novembro 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/293> acesso em: 27. Set. 2018.

SILVA, Joelma Batista da; PLOHARSKI, Nara Regina Becker. **A metodologia de ensino utilizada pelos professores da EJA - 1º segmento - em algumas escolas da rede municipal de ensino de Curitiba.** (Artigo) X Congresso Nacional de Educação-EDUCERE. I Seminário Internacional de Representações sociais, subjetividade e educação-SIRSSE. PUC-Paraná, 2011. Disponível em: < http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5067_2554.pdf acesso em: 26 out. 2018.

SILVA, Reynaldo Davyd Lopes; Gomes, M. Edjane; SILVA, J. Maria da; SILVA, M. C. Nunes da; SANTOS, M. S. Moura dos. **O ensino da geografia e a prática docente.** I Congresso de Inovação Pedagógica em Arapiraca; VII Seminário de Estágio. UFAL, Arapiraca, 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/cipar/article/viewFile/1993/1491> acesso em: 03 de nov. 2018.

SILVA, W. N. ; ALVES, David de Abreu . **Da teoria à prática análise das metodologias de ensino na geografia.** In: III CONEDU - Congresso Nacional de Educação, 2016, Natal - RN. III CONEDU - Congresso Nacional de Educação. Campina Grande - PB: Realize Eventos/Editora, 2016. v. 01. p. 01-06. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD4_SA4_ID706_15082016124050.pdf acesso em: 02 de nov. 2018.

SIMÕES, Lázaro Manhães. **Origens e sistematização da geografia.** (Artigo). VÉRTICES. ANO 5. Nº 2 MAIO / AGO. 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/276226121_Origens_e_sistematizacao_da_geografia Acesso em: 09. Out. 2018.

THOMAZI, Á. R. G.; ASINELLI, T. M. T. **Prática docente: considerações sobre o planejamento das atividades pedagógicas.** Educar, Curitiba, n. 35, p. 181-195, 2009. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n35/n35a14.pdf> acesso em: 17 de fev. 2018.

TORTORELI, Adélia Cristina. PAIXÃO, Priscilla Campiolo Manesco. **Metodologia no ensino de geografia.** Maringá-PR, 2012. Disponível em: <http://www.ead.cesumar.br/moodle2009/lib/ead/arquivosApostilas/1086.pdf> acesso em: 17 de fev. 2018.

ZOTTI, S.A. **O ensino secundário nas reformas Francisco Campos e Gustavo Capanema: um olhar sobre a organização do currículo escolar.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2006, Goiânia. *Anais...* Goiânia, 2006. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo01/Solange%20Aparecida%20Zotti%20-%20Texto.pdf> acesso em: 27. Set. 2018.